

Ruy do Carmo Póvoas

# A Fala do Santo

## A Fala do Santo

Ruy do Carmo Póvoas

# A Fala do Santo



Ilhéus - BA  
2002

© 2002 by RUY DO CARMO PÓVOAS

Direitos desta edição reservados à  
EDITUS - EDITORA DA UESC  
Universidade Estadual de Santa Cruz  
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45650-000 Ilhéus, Bahia, Brasil  
Tel.: (073) 680-5028 - Fax (073) 689-1126  
<http://www.uesc.br> e-mail: [editus@uesc.br](mailto:editus@uesc.br)

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA  
CÉSAR BORGES - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO  
ERALDO TINOCO MELO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
RENÉE ALBAGLI NOGUEIRA - REITORA  
MARGARIDA CORDEIRO FAHEL - VICE-REITORA

DIRETORA DA EDITUS  
MARIA LUIZA NORA

PROJETO GRÁFICO E CAPA  
ADRIANO LEMOS

ILUSTRAÇÃO  
OSMUNDO TEIXEIRA FILHO

CONSELHO EDITORIAL:

DÁRIO AHNERT  
DORIVAL DE FREITAS  
ERONILDA MARIA GOIS DE CARVALHO  
FRANCOLINO NETO  
JANE KÁTIA BADARÓ VOISIN  
LURDES BERTOL ROCHA  
MARIA DA CONCEIÇÃO FILGUEIRAS DE ARAÚJO  
MARIA LAURA OLIVEIRA GOMES  
MOEMA BADARÓ CARTIBANI MIDLEJ  
PATRÍCIA DA COSTA PINA  
PAULO DOS SANTOS TERRA  
REINALDO DA SILVA GRAMACHO  
ROSANA LOPES  
RUY LORDÃO NETO

#### EQUIPE EDITUS

COORD. DE DIAGRAMAÇÃO: ADRIANO LEMOS;  
SUPERVISÃO DE PRODUÇÃO: MARIA SCHAUN; REVISÃO: MARIA LUIZA NORA,  
DORIVAL DE FREITAS; COORD. DE POLÍTICA EDITORIAL: JORGE MORENO.

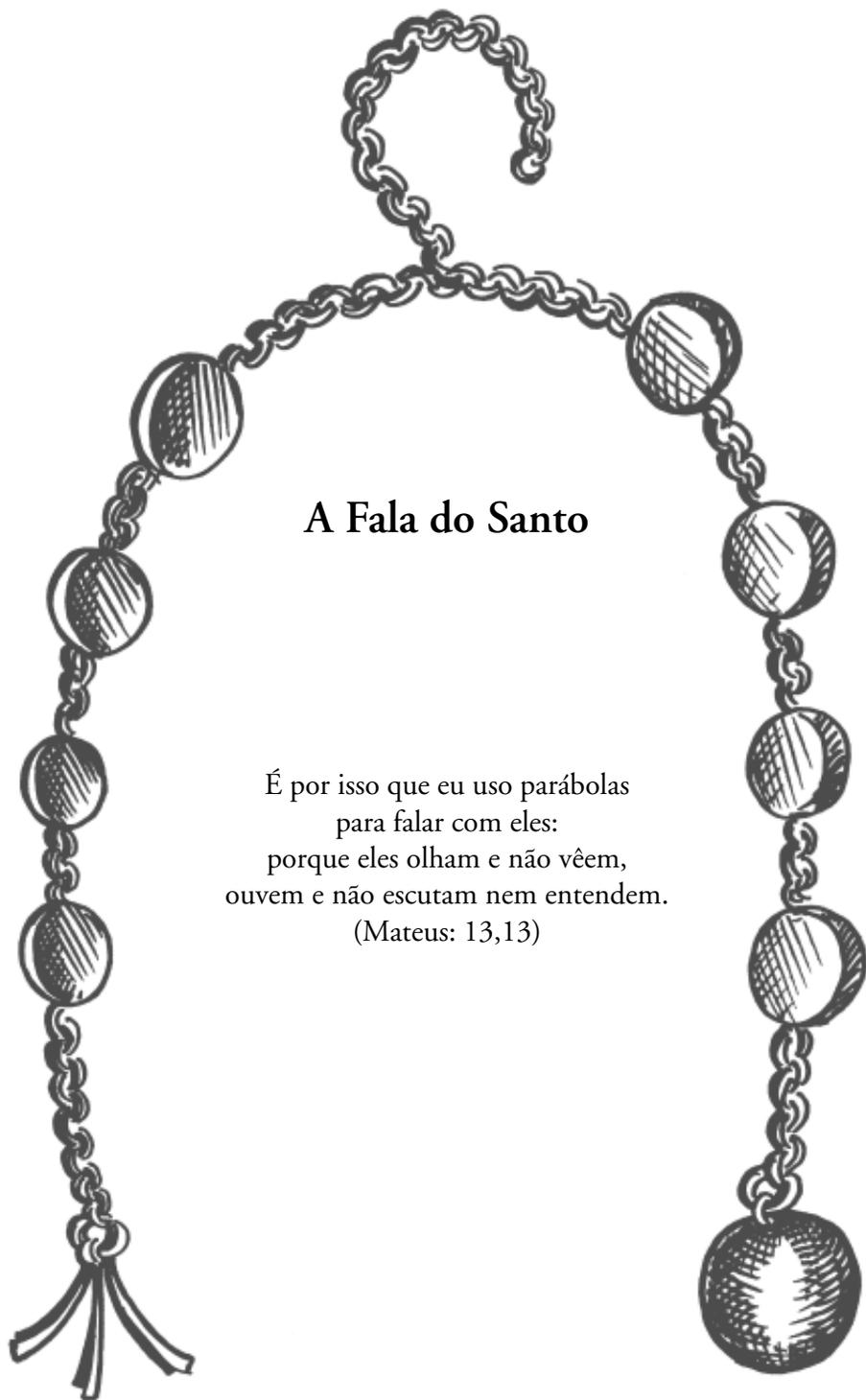
*Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)*

P881 Póvoas, Ruy do Carmo.  
A fala do santo / Ruy do Carmo Póvoas. - Ilhéus : Editus,  
[2002].  
167. : il.

ISBN - 85-7455-046-9

1. Literatura folclórica brasileira. 2. Literatura folclórica  
africana - Brasil. I. Título.

CDD - 398.20981



## A Fala do Santo

É por isso que eu uso parábolas  
para falar com eles:  
porque eles olham e não vêem,  
ouvem e não escutam nem entendem.  
(Mateus: 13,13)



À memória de

Mãe-Velha, Maria Gustavo de Jesus,  
que me levou para Oxalá.

Meu Mestre,  
Professor Manoel Simeão da Silva,  
que me levou para a Universidade.

Minha outra mãe,  
Juventina Marques de Jesus,  
Doya Seçu,  
que me levou pelo Caminho.

Minha Tia Jovanina,  
que me levou pela vida  
para eu ouvir a *fala do santo*.

Minha Velha Nanewá,  
que me levou pelas memórias de Itabuna.

Para os Póvoas,  
os de ontem e os de agora,  
meus parentes brancos.



# Sumário

13	A FALA DO OUTRO
17	ANTES DE CONTAR A FALA DO SANTO
23	OS CAMINHOS
29	A casa de Ariuô
33	A escolha do destino
37	A esperteza de Euá
41	A fama e o poder
45	A feiúra e a boniteza
51	A força do encanto
57	A grandeza e a obrigação
63	A jaca mole
67	A lonjura e a demora
71	A mudança e o coração
75	A orelha de Obá
81	A pele de búfalo
85	A resposta do coração
89	A riqueza da sabedoria
93	O chapéu de duas cores
97	O desejo de Gadamu
101	O fofoqueiro
105	O gato e a anta

109	O macaco e a cutia
113	O ovo anunciado
117	O preço da ingenuidade
121	O Quibungo
127	O saber e a sabedoria
131	O sapo invisível
135	O segredo do pote
139	O senhor de grande riqueza
143	<b>DEPOIS DE TER CONTADO</b>



## A FALA DO OUTRO

Madrid, outubro de 2001.

Querido amigo Ruy,

Estamos aqui, em uma Madrid que se lava nas chuvas de outono. A música de Gal que suaviza o ambiente, o leve ruído de quem passa nas ruas, a presença-ajuda de David, as conversas entrecortadas, as lembranças do Brasil, uma pausa para as leituras de *e-mails* dos amigos, Raimunda Alencar, Genebaldo Pinto, Marquinhos Salviano, o cafezinho, a chegada de D' Ajuda Alomba, mais uma uesquiana em terras espanholas. O ir, o vir, o ler, o reler e o gostar.

Temos, nas mãos e no corpo, o seu *A Fala do Santo*, lê-lo é refazer vários caminhos. O da infância, do gosto de ouvir histórias e nos transportar para mundos que a imaginação não delimita barreiras. É o andar pelas veredas da nossa cultura, é evocar a memória de uma história ancestral que a história oficial não conta. É o retorno ao *terreiro* e ao nosso encontro com o povo do Ilê Axé Ijexá, nas *rodas do contar*, onde crianças e mais-velhos se harmonizam numa mesma dimensão temporal.

As histórias que você conta não têm idade. Elas se atualizam no momento do contar, também pelo trabalho com a

linguagem que, em suas mãos, evoca o gosto de conversa, o jeito brasileiro de reinventar o gesto, o calor, o sabor, o cheiro da terra, nas expressões que você tão bem sabe dizer: “*Ah, criação, nem te conto...*”; “*...tím-tím por tím-tím*”; “*foi a gota d’água*”; “*.. enfim, todo esse bolodório*”; “*ele não bate prego sem estopa*”; “*...com sua língua de trapo*”.

Sabe, Katulembá, ler suas histórias é estar com a sabedoria dos orixás, a sagacidade e a esperteza de Exu, as previsões de Ifá, a leveza de Oiá, a tenacidade de Oxóssi, a imensidão materna de Iemanjá, a sedução da Oxum, a magia de Ossaim, a coragem de Ogum, a compreensão do tempo em Iroko, a justiça de Xangô, o silêncio de Oxalá... E tudo isso se revela na *Orelha de Obá*, na *Pele de Búfalo*, no *Chapéu de Duas Cores*, na *Mudança e o Coração* e nas tantas histórias que compõem o seu livro. Bicho, gente, natureza falam da vida, dizem das coisas, dizem de nós mesmos. Dos nossos encontros, incertezas, dúvidas, desejos, espertezas, temores, disfarces, poder, autoconhecimento, percepção do tempo, encantamento, reconhecimento do outro, na alegria de viver e de aprender continuamente.

Você abre, na grandeza do narrar, a possibilidade de que muitas das histórias que circulam na intimidade de uma *casa-de-santo*, histórias que revelam princípios filosóficos, éticos e estéticos, possam adentrar na intimidade da casa do outro, sinalizando outras formas de conviver, de pensar o mundo. *A Fala do Santo* é a multiplicidade das vozes dos orixás, ecos da senzala, da mistura étnico-cultural que convida o homem e a mulher brasileiros a compartilhar um espaço de reconhecimento das nossas marcas.

O seu livro é, portanto, um livro-convite para muitas coisas: para o recordar, para o aprendizado da escuta, para inaugurar novas formas de conhecer e para que circule, na escola, a história da nossa História que ela ainda desconhece.

Esta *Fala do Outro* que você quis que fossemos nós, não se quer restrita a esta apresentação. A verdadeira fala do outro serão os muitos outros leitores, meninos, moços e mais-velhos, professores e alunos, artistas, poetas, gente de axé... que, em diálogo com as histórias, multiplicarão suas vozes e lhe darão mais e mais vida.

Ficamos aqui, em Madrid, com *A Fala do Santo* que nos faz estar aí, com você.

Com um beijo e muita saudade. De nós.

Consuelo Oliveira e Marialda Silveira.

PS: Um afetuoso abraço a todos os nossos amigos do Káwè que, também, com este livro, alcançam a concretização do nosso Projeto de divulgar e discutir a cultura afro-brasileira.



## ANTES DE CONTAR A FALA DO SANTO

*Era uma vez...* Não. Não era assim que meus mais-velhos começavam a contar histórias. Só nos livros e na Escola de Dona Elvira, a contação tinha *era uma vez...* Lá em casa, as histórias começavam assim: *Contavam os mais-velhos que...* E eu me criei entre esses dois mundos, tão diferentes entre si. O mundo de lá era o do meu pai, da escola, do catecismo de Dona Amália, da cultura dos brancos. Enfim, da escrita. O de cá era o da minha mãe, dos bate-papos em família, dos terreiros de candomblé, da tradição oral afro-descendente.

Lá, os sabidos eram Dona Elvira e o meu pai com Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, as fábulas de Esopo, os contos de Monteiro Lobato. Cá, os sábios eram Tia Jovanina, minha mãe e Compadre Roque com as histórias dos orixás. Com os primeiros, aprendi Português, Matemática, História, Geografia... Com os segundos, aprendi a vida.

Veja como são as coisas... Aqui, no Brasil, a gente terminou colocando uma barreira entre mundos desses dois tipos, os de lá e os de cá. Aí, ficou o espaço público de um lado e o espaço privado de outro. Isso resultou num sistema de educação em que a vida, com todos os seus altos e baixos, é deixada

de lado. E ensinam à gente tanta coisa que nunca vai servir para nada. Enquanto isso, é negado um bocado de coisa, que realmente faz parte da vida, quando não se diz: “coisa de gente atrasada”. Então, você, eu, todo mundo tem passado por isso: aprender de maneira dividida. Termina a Escola desconhecendo ou negando o saber de dentro de casa, o que é mais grave ainda.

Por falar em casa, na minha casa, o pessoal gostava de conversar. Após o almoço do domingo, todo mundo já sabia: conversar, contar caso e dar risada. Às vezes, a domingada demorava tanto que emendava com o jantar. Foi nesse mundo de cá, que eu aprendi os itans.

A minha mãe gostava de contar casos e tinha um dom para isso. Não narrava simplesmente. Fazia muito mais: usava recursos da mímica e da voz, além de ocupar o espaço para representar, ao modo dela, os personagens que viviam a história, o caso, o itan. Ela chamava essas histórias de *Casos de Trancoso*. Enquanto isso, Tia Jovanina, a matriarca da família, dizia que essas histórias eram a *Fala do Santo*. Hoje, eu sei que a minha mãe agia assim, para driblar o preconceito que o meu pai e a família dele tinham contra a cultura dos afro-descendentes. Também sei que tia Jovanina disfarçava, chamando de *Santo* o que, na verdade, ela conhecia como *Orixá*.

As histórias não eram contadas assim, sem mais nem menos. Na conversa cotidiana, as pessoas davam notícias, lembravam fatos, relatavam as novidades. E em meio a tudo isso, as histórias eram contadas. Às vezes, os mais-velhos chamavam as histórias de itan. E não perdiam oportunidade para contar os itans. Bastava haver uma situação que demonstrasse ser preciso alguém aprender uma lição de vida. Havia uns itans que não precisavam mais ser contados. Era suficiente que se dissesse, por exemplo:

– Cuidado com o chapéu de duas cores!

E todos já sabiam do princípio ético: *As coisas nem sempre são aquilo que parecem ser*. Na conversa comum, normal, uma pessoa perguntava por outra. A notícia dada, muitas vezes, englobava uma situação de vexame, doença, prejuízo, ou coisa parecida. E era justamente aí, que os itans entravam como ensinamento.

Mas não quer dizer que os itans só eram narrados na roda familiar. Não; não era assim. Eles eram lembrados sempre que alguém precisava aprender a vida. Como eu me lembro tão bem das circunstâncias em que eu aprendi os mais diferentes itans. Delas, duas permanecem em minha lembrança, como se ainda estivessem acontecendo agora.

O Pontal de Ilhéus, lugar onde nasci e me criei, era terra de pescadores. E havia um pescador chamado Duca Arame Grosso. Tinha fama de valente e grosso. Um dia, eu estava à porta de minha casa e notei um grande ajuntamento na porta de Arame Grosso. Não contei conversa: rumei para lá. Na curiosidade de meus seis anos, fui chegando e me esgueirando entre os adultos, até que descobri do que se tratava: era um balaio enorme, do tamanho do mundo, repleto de sardinha.

Na ânsia de chegar perto do balaio, pisei no pé de Arame Grosso. Acontece que ele estava com uma ferida enorme no pé. Foi um deus-nos-acuda. Arame Grosso, enlouquecido de dor, quis me pegar para torcer o meu pescoço. A mulher dele atiçava, dizendo:

– Pega ele, Duca! Mata e joga na maré!

Os adultos fizeram uma parede entre mim e Arame Grosso e eu, sem entender nada do que estava acontecendo, abri a boca no mundo, gritando por minha mãe.

Não sei como foi aquilo, mas de repente, minha mãe estava me segurando pela mão. A cena, nesse ponto, fica nublada. Só sei que ela me levou para casa. Sentou-se comigo no degrau de nossa porta, enxugou meus olhos e me disse com

segurança:

– Vou te contar a história sobre *O Quibungo*...

Quando ela acabou de contar, eu fiquei com uma certeza: se eu fosse do tamanho do Quibungo, Arame Grosso tinha falado fino. Mas também não valia a pena eu ser nenhum dos dois...

De outra vez, Tia Jovanina veio nos ver. Minha mãe quis saber notícias de Prima Iuiuca. E Tia Jovanina explicou:

– Tá lá, querendo achar sapo em copa de arvoredo...

E eu, com muita curiosidade, perguntei:

- E o que é isso, tia? Esse negócio de sapo no arvoredo?

Ela me perguntou até num tom de reprovação:

– Ô, você não sabe ainda disso? É a história sobre *O Sapo Invisível*... Senta aí, que vou te contar agorinha mesmo.

Aí, Tia Jovanina me contou o itan. E a frase final, dita pela mãe da girafa, que Tia Jovanina repetiu com tanta ênfase, ficou comigo para sempre. Terminei aprendendo como é importante compreender o lugar que o outro ocupa em relação à gente.

Ah, como me lembro das maneiras diversas com que as pessoas contavam as histórias! Minha mãe, mestra na teatralização. Tia Jovanina, centrada na lição resultante. Mãe-Velha, abreviando a narrativa, para enfatizar o final. Olga não narrava; cantava o itan com uma voz de ouro. Compadre Roque preferia os itans sobre magia. De todos, Sinhanja era a mais detalhista. E Mãe Mariinha? Ninguém igual a ela na arte de contar: narrava, dançava, interpretava, fazia mímicas, imitava qualquer bicho, qualquer pessoa, qualquer encantado: era uma verdadeira atriz. Mas aí, eu virei um rapazola e, desde então, me surgiu a idéia de pesquisar sobre os itans, contar a sabedoria dos afro-descendentes na linguagem dos descendentes da Ibéria.

Mal sabia que, ouvindo aquelas pessoas, eu estava come-

çando uma trajetória que iria atingir seu ponto mais alto através da pesquisa, na Universidade. Foi labutando com as coisas do *Imaginário* e do *Saber Popular* que atinei para o verdadeiro papel dos itans. Agora, saio juntando as coisas: estudos acadêmicos, saber popular, escrita formal, oralidade, histórias contadas, literatura, teoria, prática... Claro: com critério e com uma certa dose de humor. E nessa intenção, aqui estou eu, com esse livro, que faz parte de meus estudos sobre o *Quarto de Consulta*. Esses estudos têm sido feitos ao longo da vida, mas atingiram formalidade no Kâwé, que é o Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais, da Universidade Estadual de Santa Cruz. Lá adiante, depois dos itans, eu vou conversar sobre isso e dizer mais algumas coisas a quem se interesse por um pouco mais.

É possível que uma pessoa ou outra acuse as histórias de ingênuas ou tendenciosas. Então, eu pergunto: Qual a mãe, em relação a seus filhos, que não se identifica com a coruja do itan *A feiúra e a boniteza*? Quem discordará da conclusão tirada por Iroco, no itan *A lonjura e a preocupação*? Mesmo que a intenção aqui seja divulgar um dos traços da sabedoria milenar do povo nagô que hoje fazem parte da cultura brasileira, é necessário não esquecer que os escravos trazidos das mais diversas regiões africanas também trouxeram seu cabedal de histórias. E no Brasil, eles também conservaram a memória de uma prática eficaz de narrar lendas e mitos, para ensinar e aprender princípios de ética e de moral. Por isso eles viveram, na terra do desterro, contando histórias, cujos personagens são bichos, gente, plantas, lugares e até seres divinos.

Vale ressaltar que as histórias chamadas *itan*, material básico aqui em análise e amostra recriada, inicialmente, faziam parte apenas do sistema de adivinhação. Depois, com alterações, também passaram a ser contadas para ensinamentos de princípios éticos e morais e foram se misturando à narrativa

dos vários participantes do processo de colonização do Brasil, concorrendo para a indeterminação das origens dos contos populares brasileiros.

Bem verdade que uso o recurso da recriação literária aqui e ali. Por isso é que a anta também tem oportunidade de aparecer. Mas conservo a essência: o tom de oralidade, a lição de ética ou moral, os elementos básicos tomados do universo nagô. As histórias, aqui apresentadas, aprendidas com os mais-velhos, também têm sido narradas por mim, nas mais diversas ocasiões: palestras, seminários, oficinas, artigos para jornais ou revistas, sessões de estudo no Kàwé, salas de aula, cotidiano do terreiro, onde convivo com o povo-de-santo. E é por isso que pode haver uma diferença no estilo do meu contar, de um itan para outro. Afinal, para cada platéia, deve-se ter uma maneira diferente para se comunicar. A princípio, pensei em fazer um trabalho de nivelamento. Depois, cheguei à conclusão que seria melhor deixar assim mesmo, pois a vida se faz com a própria diversidade. Por isso, conservei os vinte e seis itans, que compõem este livro, no estilo em que eles foram contados, conforme o público a quem eu me dirigia.

Não inventei nada. Apenas reproduzo o que ouvi pela vida a fora. E terminei me dando conta de que isso se constitui um dos aspectos mais importantes do que ocorre no quarto de consulta. Lá, também se explica a saída para um problema através de itans narrados no momento.

Aqui, junto pontas que estavam desatadas. Retomo os itans e os apresento com um tratamento literário. Na passagem da fala para a escrita, fui fazendo, aqui e ali, meu trabalho de linguagem. Tento recuperar a memória de tão valioso tesouro. E aí fui juntando as coisas que aprendi nos meus caminhos de professor, contista, africanista e babalorixá. Também vou dando conta de resultados alcançados nos meus estudos no Kàwé. Lá adiante, eu volto a conversar sobre tal assunto. É por isso

que este livro tem três partes: esta conversa, antes da contação; um mostruário de vinte e seis histórias representativas e uma outra conversa, depois dos itans. Viu? Igualzinho ao que acontece no quarto de consulta...

Estes escritos não se constituem uma defesa à idéia da hegemonia nagô. Não! Categoricamente, não se trata disso. Apenas, meu saber não é tanto assim, a ponto de abarcar as heranças e contribuições dos demais povos que foram trazidos da África. Cabe a quem tiver tal conhecimento fazer seus escritos também.

Para escrever esse livro, conversei com um bocado de gente, discuti muito com os pesquisadores do Grupo Kãwé, li como um desvalido, ouvi coisas do arco-da-velha. Mas quando falei sobre o livro a Osmundinho Teixeira, ele foi categórico e disse:  
- Vou ilustrar seu livro.

Aqui está o resultado: a beleza de sua criatividade. Ah, criatura privilegiada, esse Osmundinho!

Mas uma coisa também é mais do que certa: eu não chegaria até aqui sozinho. Ah, quanta gente boa encontrei pelo caminho! E justamente por isso, é necessário agradecer:

A todos aqueles que contaram itans para mim,

Ao povo dos terreiros por onde andei, que me contou itans e mais itans,

À Academia de Letras da Bahia, que um dia me premiou por eu ter escrito o livro *Itan dos Mais-Velhos*, dando-me o incentivo para prosseguir no caminho,

Ao Grupo Kãwé, constituído de parceiros de pesquisa,

Às ialorixás que me ensinaram o segredo do jogo dos búzios, Joana da Rodagem, Malungo Monaco e Maria Natividade Conceição,

À Raimunda d'Alencar, pela leitura prévia dos originais,

À Maria Luiza Nora, pela revisão do texto,

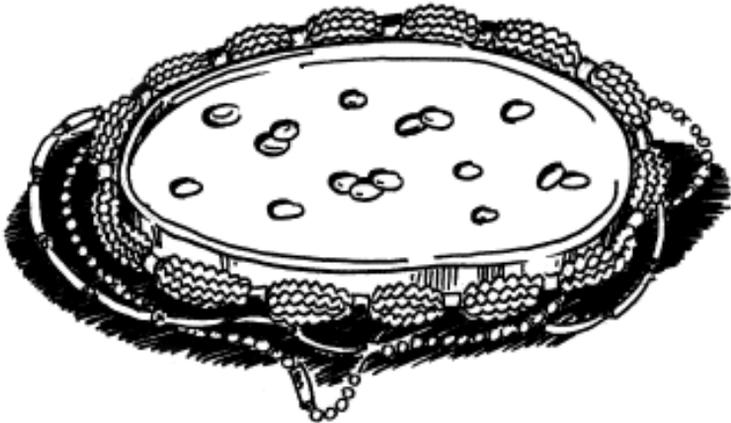
À Consuelo de Oliveira Santos e Marialda Jovita Silveira

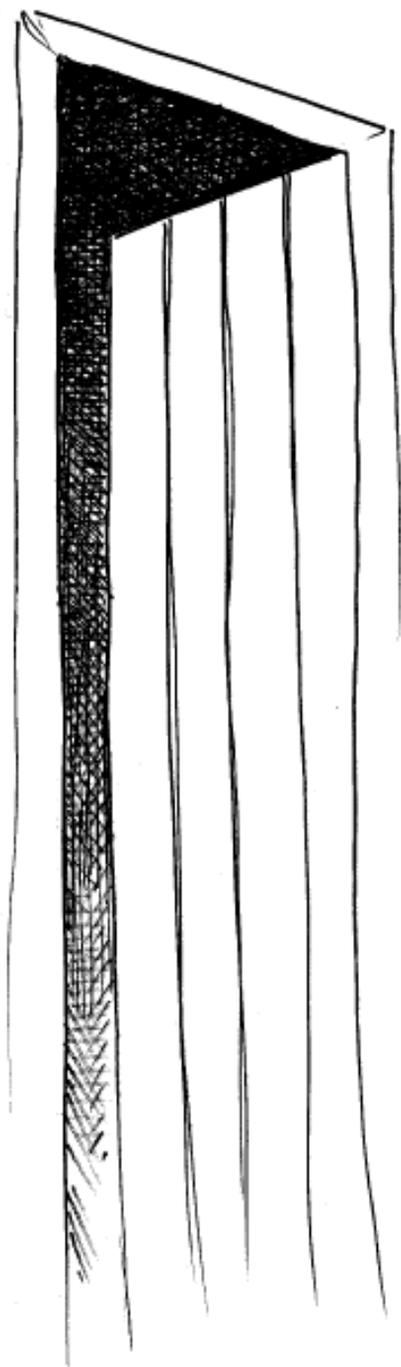
— companheiras sem as quais o Kàwé não seria criado, nem se firmaria —, pela crítica sensata e sugestões de gente sabida,  
A Osmundinho Teixeira, pela belíssima ilustração.  
A todos, agradeço sinceramente.

Ruy Póvoas  
Itabuna, BA, outubro de 2001

## OS CAMINHOS

Porque todos devem conhecer sua origem e seu destino.  
(Ensinamento do quinto itan do quinto odu, Oxetuá)





OSMUNDO

## A casa de Ariuô

Na casa de Ariuô, o povo não conversava; brigava. E a discussão era tanta que terminava na porta da rua. Quando a vizinhança perguntava a eles a causa do arerê, cada um dava uma explicação diferente. E ninguém sabia, na verdade, porque aquela gente brigava tanto assim.

Um dia, a vizinhança foi se queixar ao Velho Afaradá, o juiz da aldeia, e ele resolveu dar um ensinamento. Bem na hora em que todos estavam falando de vez, no maior alarido, ele mandou que um menino gritasse com todo fôlego, na porta de Ariuô:

– Lá vem a onça aí, minha gente!

O menino foi lá e fez direitinho como Afaradá mandou. Acontece que ninguém lá de dentro se incomodou com o berro do menino e a discussão continuou. Então Afaradá fez diferente: mandou que os caçadores trouxessem uma onça viva, amarrada, e soltasse na entrada da porta da casa de Ariuô, bem na hora do arerê e ninguém avisasse nada.

Os caçadores cumpriram as ordens de Afaradá. E quando a onça foi solta, saltou casa a dentro e aí ocorreu um alarido que fazia dó e piedade. Por ordem de Afaradá, ninguém tomou providência alguma, ninguém entrou na casa para acudir

os moradores. De repente, fez um silêncio mortal lá por dentro. Os moradores ficaram sem saber o que Afaradá queria, comprometendo a vida daquela gente. Terminou toda a família de Ariuô vindo para a rua. Uns esfarrapados, outros arranhados, outros mais capengando e outros ainda com ar de assombro. Mas todos muito risonhos, unidos e felizes, exclamando:

– Pegamos uma onça viva. E dentro de nossa casa!

Então Afaradá explicou:

– Vocês viram? Faltava eles aprenderem a conversar... **Conversa que surte efeito é com boca e com ouvido!**



05/11/00

## A escolha do destino

Um homem vivia em paz no meio de seu povo. Era um excelente mercador, sua voz cristalina e sonora atraía multidões. Todos os seus produtos eram vendidos rapidamente, de forma que ele quase não dava conta do atendimento a quem procurava suas mercadorias. Mas ele era inconformado com o seu destino. Gostaria de ter nascido um grande cantor para arrebatá-las as pessoas com a maravilha de sua voz. Ainda que sua fama de mercador corresse o mundo, ele queria mesmo ter nascido com outra sorte.

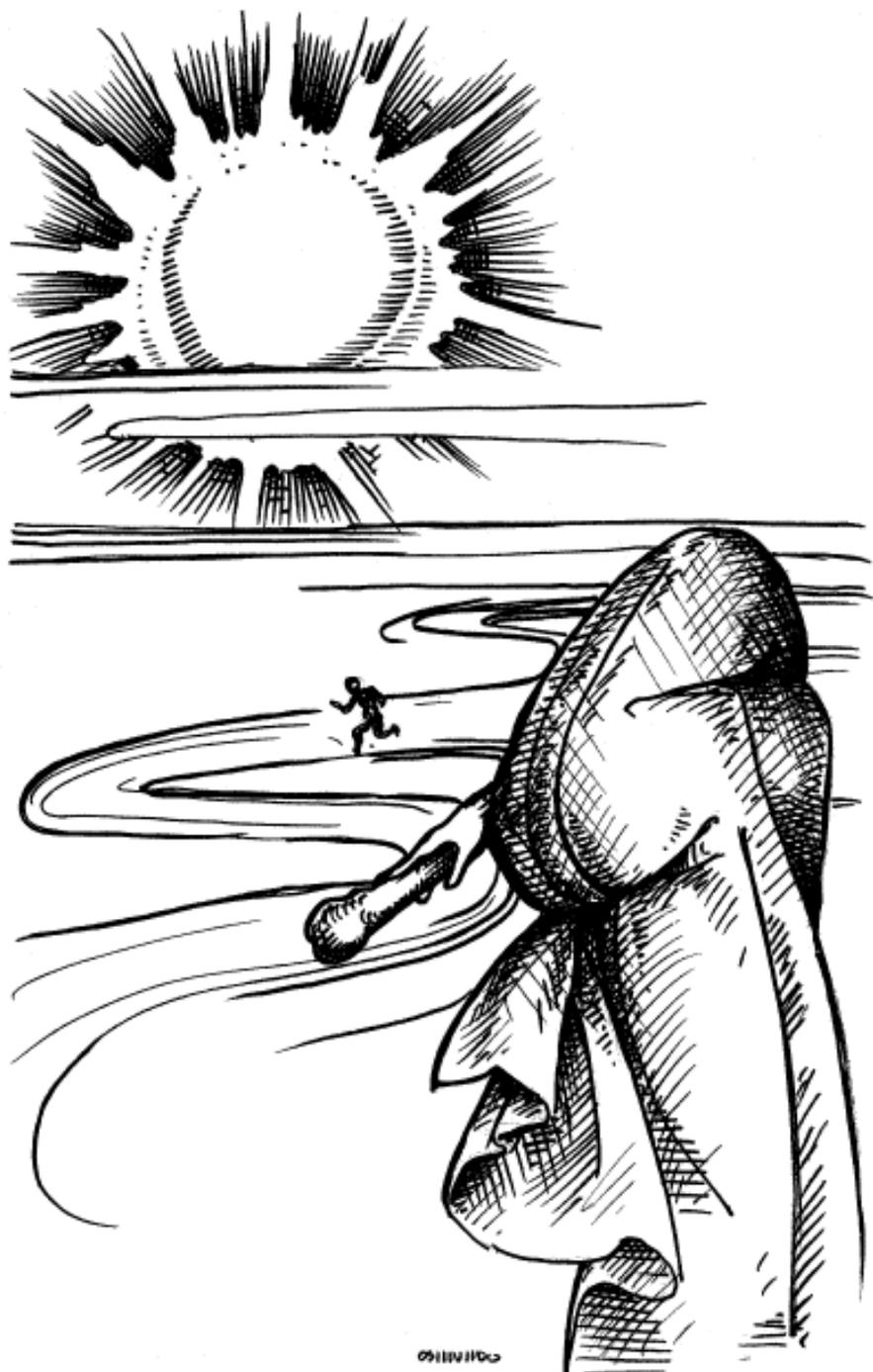
Um dia, ele resolveu consultar Ifá, para ver se poderia mudar o seu destino. Ifá lhe recomendou um ebó a ser oferecido no olho do dendezeiro e que ele dormisse ao pé da palmeira por três noites consecutivas. Assim o homem fez. Terminado o prazo do ebó, ele voltou para sua cidade, enquanto aguardava a resposta dos divinos. Então, ele avistou uma grande caravana que caminhava em sua direção. Imediatamente ele pensou em se reabastecer de mercadorias, afinal estava precisando negociar. Quando chegou perto, o homem notou algo diferente. Não se tratava de uma caravana de negociantes e sim de um Mago e seus acompanhantes. Então o homem pensou em falar com o Mago para tentar trocar seu destino.

Feita a proposta, o Mago aceitou, mas impôs uma condição: o homem não poderia desfazer a troca, depois que a magia fosse realizada. Aceita a condição, o Mago lhe mostrou inúmeras e inúmeras caixas fechadas que guardavam destinos dos humanos. Ele teria que escolher uma delas pela aparência. O homem pensou, pensou, olhou, olhou, examinou muitas e muitas caixas. Por fim, uma delas atraiu sua atenção. Era leve, forrada de pele de camelo, couro bem tratado, enfeitada de fios de ouro e muitas pedras brilhantes. Havia até uma inscrição: VOZ DE OURO, ENCANTADOR DE MULTIDÕES.

Era justamente isso que ele queria. E ele ficou tão encantado, tão feliz que, diante de tanto contentamento, o Mago resolveu lhe dar a caixa e fazer a troca de destino sem receber pagamento nenhum. Quando o homem abriu a caixa, ansioso pelo novo destino, lá dentro estava seu nome e, embaixo do nome, a palavra MERCADOR.

Diante de seu espanto, o Mago se revelou:

– Eu sou Orumilá, Testemunha do Destino, Aquele que Esculpe no Escuro. Este é o seu caminho e fique sabendo: **O espinho que tem de espetar desde pequeno traz a ponta.**



## A esperteza de Euá

Um homem estava bem de seu, assim, sentado à porta de sua casa, quando Icu, a Morte, apareceu de repente. Não precisou nem identificar: o homem viu logo de quem se tratava... Icu se aproximou e foi logo avisando:

– Chegou o teu momento e eu vim te buscar.

O homem, que não queria morrer de forma alguma, deu um pinote no meio da rua, saiu louco, desvairado, correndo para escapar de Icu. Entra aqui e sai ali e Icu atrás dele. Pediu socorro na casa do governador, na igreja, na escola, no hospital. Todos ficaram penalizados, mas disseram que não havia como socorrer e que o jeito era ele ir com Icu.

O homem não desanimou e continuou em fuga, desesperado, enlouquecido, correndo igual ao vento. Adiante, tomou o leito de um rio raso e foi correndo por dentro d'água. Icu ia atrás, ora próxima, ora distante, pega aqui, pega ali, pega acolá.

Depois de uma curva do rio, o homem se esbarrou com um bando de mulheres lavando roupa. Sobre uma pedra, uma formosa senhora, muito bem vestida, estava sendo penteada por suas damas de companhia. Era Euá, a casta esposa de Obaluaiê, o Dono do Mundo, temível guerreiro.

Com a alma saindo pela boca, o homem se dirigiu a Euá,

pedindo que ela lhe socorresse pelo amor de Deus e lhe livrasse de Icu. Euá levantou suas anáguas e mandou que o homem se escondesse debaixo delas. Ele obedeceu e ficou ali, quietinho, bem escondidinho.

Euá continuou o que estava fazendo, como se nada estivesse acontecendo. Nisso chega Icu, enrolada no seu eterno manto preto, porrete na mão, procurando pelo homem. Dirigiu-se a Euá e fez uma saudação, perguntando:

– Salve, Senhora, Esposa do Grande Senhor da Terra! Acaso, vistes um homem em desabalada carreira rio abaixo?

Euá sabia que a força de Icu devia ser respeitada também. Mesmo, a ignorância é atrevida e quem deixa passar passa também. E então, respondeu com firmeza na voz, educação e cortesia:

– Salve, Nobre Senhor das Sombras! O homem passou por aqui, sim. Até entendeu de se esconder nas anáguas.

Então, Icu quis saber:

– E o que é anágua, Senhora?

Euá explicou:

– Intimidade feminina...

Icu, muito ignorante das coisas da vida, entendeu que o homem se ousara com as mulheres.

A mucama de Euá acrescentou:

– Não se sabe que rumo ele tomou. Passou em desabalada carreira e sumiu.

Nem mesmo Icu ia ter a ousadia de perturbar a esposa do temível Dono do Mundo. Correu os olhos pelas margens, mirou o rio que sumia muito lá adiante, resmungou qualquer coisa, deu meia volta e desapareceu rio acima. Quando Icu sumiu, Euá suspendeu as anáguas e o homem saiu debaixo delas. O coitado, de tão surpreso com tudo, nem sabia como agradecer. Mas Euá apenas confortou o homem com um conselho:

– **Nesse mundo, tem tempo pra tudo, até mesmo para escapar da morte. Mas nem sempre Euá está no caminho.**



## A fama e o poder

Um dia, o rei de Keto quis dar uma festa e mandou convite pra muita gente. Mas não quis chamar Iá Mi Oxorongá, a grande feiticeira. Sabe como é... Para essas festas, assim, de gente nobre, o dono da festa finge esquecer de convidar os que ele não tem em tanta conta. Mas deixemos isso pra lá.

Bem na hora da festa, quando todo mundo estava nos comes e bebes, um bicho monstruoso pousou na cumeeira do palácio real. Era um bicho encantado, feitiço de Iá Mi Oxorongá: uma vingança daquelas. Foi um deus-nos-acuda. As asas do bicho eram tão grandes que impediam a luz do sol. O reino ficou às escuras e o bicho ameaçava devorar todo mundo. O rei, mais do que depressa, convocou os mais famosos caçadores de Keto. Era uma questão de vida ou morte que os caçadores abatessem o bicho pavoroso.

O Primeiro Caçador atirou quatrocentas flechas e o bicho nem se abalou do lugar. O único resultado foi que o bicho ficou mais furioso ainda. O Segundo Caçador foi chamado e disparou duzentas flechas. Foi pior o resultado. E assim todos os famosos caçadores ficaram desmoralizados, enquanto a vida de todo mundo corria perigo. E foi chegando caçador que não acabava mais, até mesmo aqueles sem expressão nenhuma.

Ninguém dava conta da empreitada.

Quando o rei não tinha mais para quem apelar, soube da existência de um caçador solitário que vivia embrenhado nas matas. Não se sabia ao certo quem era ele. Apenas corria um boato de que ele tinha uma pontaria certeira, mas tão certeira mesmo, que só precisava de uma única flecha. Então o rei mandou buscar esse caçador com a maior urgência. Esse caçador era Oxó.

Quando a mãe dele soube disso, correu e foi consultar Ifá, o orixá da adivinhação. Ifá explicou a ela que aquele era um bicho encantado e que era preciso fazer uns preceitos para que Oxó pudesse matar o monstro. Que ele lavasse sua flecha com água e folhas de jaqueira pisadas. A mãe de Oxó correu e explicou tudo ao filho. Ele ouviu direitinho as recomendações com respeito e atenção e fez tudo o que Ifá tinha mandado. A mãe dele, Apaocá, a Senhora da Jaqueira, se prostrou em terra e rezou pelo filho, horas a fio. Depois, com calma e segurança, o caçador se dirigiu para a cidade, levando apenas uma flecha e a crença de que tudo ia dar certo.

De longe Oxó ouviu o alarido na aldeia. Tudo estava mergulhado numa sombra escura e o povo gritando por socorro. Ele parou em frente ao palácio, mirou entre os olhos do bicho e disparou sua única flecha. Acertou direto no ponto fraco do monstro. Para espanto de todos, o bicho soltou um urro, se estrebuchou e despencou lá de cima, num estrondo pavoroso. Toda a multidão começou a gritar: *Oxó uosi!*, que quer dizer *Oxó pertence a seu povo!* Com o tempo, esta saudação foi tomada por nome do Grande Caçador e ele ficou conhecido por Oxóssi até hoje.

E é ele quem ensina: **Enfrentar os monstros é para quem aprendeu a ouvir.**



ODHANCO

## A feiúra e a boniteza

A coruja, antes de se casar, tinha feito uma consulta. Ela queria saber das intenções do corujão, se ele realmente gostava dela, essas coisas assim... Pois bem: foi dito a ela que tudo estava em ordem, que ela não se preocupasse. Apenas prestasse atenção no fato de que, nem tudo de que ela gostava, os outros gostavam também.

Ela saiu muito satisfeita da consulta. De vez em quando, se lembrava do conselho sobre o gostar, mas isso foi caindo no esquecimento com o passar dos dias. E agora ela estava ali, feliz da vida, já criando sua primeira ninhada. Os meninos já estavam se empenando e logo, logo, estariam voando também.

Ah, mundo velho sem porteira... Pois não é que o urubu chegou esbaforido para dar uma notícia ruim? A mãe da coruja estava passando mal e queria ver sua única filha. A coruja se entristeceu e ficou pensando como haveria de fazer para ir ver a mãe. Os meninos ainda não podiam voar. Deixar aquelas coisinhas tão bonitinhas, assim, sem proteção? Também não podia deixar de atender ao chamado da mãe. Podia ser a última vez. Depois de muito pensar, a coruja se lembrou e conversou consigo mesma :

– Ah, sim! Comadre Raposa... Gente fina está ali. Prestativa, sutil, tem sempre um jeito pra tudo... Mesmo, basta um voozinho de nada e posso passar na toca onde ela mora.

Logo a coruja alcançou a toca da raposa, cuja porta estava sempre disfarçada. Chamou e a raposa atendeu. Contou tudo, debaixo de aflição e agonia. Por fim, o pedido:

– Comadre da minha alma, me ajude pelo amor de Deus! Vou e volto logo. Apenas queria que a senhora olhasse meus lindos meninos... Tomasse conta deles até eu voltar...

A raposa não se fez de rogada:

– Faça isso, sim, comadre.... Mas como saber quais são seus meninos, com tanto ninho espalhado por aqui? A senhora sabe: eu vivo no chão e a senhora nos galhos...

A coruja deu as instruções necessárias:

– Tá vendo aquela árvore seca lá adiante? Pois é lá, no oco mais baixo que eles estão. E é muito fácil a senhora saber quem são eles. São os meninos mais bonitos de toda essa redondeza. Olhe, eu passo horas a fio só olhando pra eles. Uma lindeza!...

Despediram-se. A coruja foi pelos ares, em busca da casa da mãe. A raposa se dirigiu para a árvore seca, bem perto da sua toca. Foi um alarido, quando a passarada viu a raposa se aproximando. Gritos, bater de asas, vôos espalhafatosos, enfim, um danor. Mas a raposa estava decidida: dessa vez não escaparia nenhum menino feio. E foi passando de ninho em ninho, devorando tudo.

Com poucas horas, a coruja voltou. Logo foi avistando a comadre dormindo ao pé da árvore. Aquilo que era gente boa e prestativa. Mas quando ela pousou no ninho, uma onda de terror invadiu seu coração. Cadê os lindos meninos?! Tudo vazio. Desceu, acordou a raposa e, muito aflita, quis saber dos filhotes. A raposa, então, ainda meio sonolenta e se lambendo, explicou:

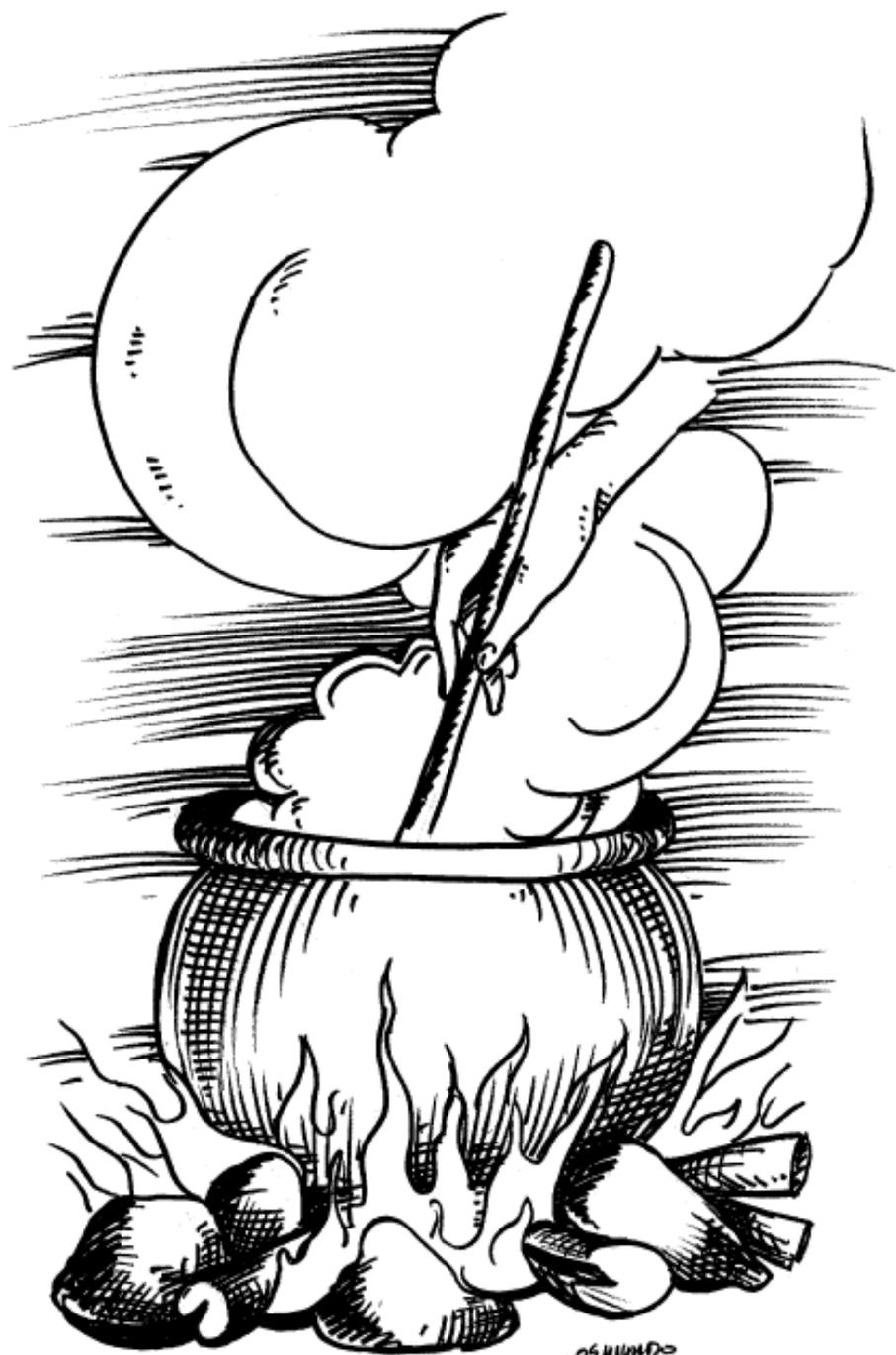
– Olhe, comadre, lhe garanto que seus lindos meninos

estão em paz. Desde que a senhora saiu, eu vim logo para aqui. Só devorei meninos feios. Naquele ninho ali, então, havia os mais horrorosos deste lugar...

– Comadre, a senhora devorou meus lindos meninos!...

E a raposa, toda espantada, apenas comentou:

– Meu Deus! Comadre, a senhora não tem juízo mesmo... Nunca desconfiou disso? Pois saiba, comadre: **A feiúra e a boniteza estão nos olhos de quem vê.**



OSHIKUNDO

## A força do encanto

Contam os mais-velhos que, um dia, Oxóssi chegou ao ponto mais escondido da mata. Fazia tempos que ele vinha seguindo o rastro da Cobra Encantada. De repente, ele avistou uma palhoça bem escondida. Aproximou-se com cautela, pois um bom caçador não denuncia sua presença. Oxóssi notou, ao lado da palhoça, alguém mexendo uma grande panela que estava fervendo no fogo. Imaginou que não tinha sido notado, pois o vulto não se virou para trás.

De repente, o estranho falou assim, sem se virar.

– Você deve estar cansado de tanto procurar a Cobra Encantada... Se sente que eu vou lhe servir uma bebida. Você aceita?

– Com quem eu falo? Perguntou Oxóssi.

– Com Ossáin. Resmungou o outro.

– Ah, sim! O dono do segredo das folhas... Nem te reconheci. — Explicou Oxóssi.

– É... Faz um bom tempo que não vejo ninguém. Aliás, nenhum caçador esteve aqui antes. Sabe que você é corajoso? — Ossáin disse isso, virando-se para o caçador.

– Já me disseram isso antes... — Respondeu Oxóssi cheio de si mesmo.

– Mas desta bebida, com certeza, você nunca provou antes. — Ossáin disse isso, enquanto passava às mãos de Oxóssi uma cumbuca fumegante.

Por um momento, Oxóssi se lembrou da Cobra Encantada. Mas era costume seu não se encabular com nada. Mesmo, a teimosia sempre foi sua companheira. Ele só acreditava depois que via e pegava. Por esse motivo, inúmeras vezes, passou por maus bocados, mas foi-se acostumando com isso. Sabe como é esse povo teimoso: sempre duvida da intuição. Esperou um tempinho para a beberagem esfriar um pouco e foi bebericando em silêncio. E um sono pesado fechou seus olhos. Era o dia da caça: ele caiu na armadilha...

Aí, as pessoas começaram a sentir falta de Oxóssi. Ogum, o seu irmão, buscava notícias por todo canto. Iemanjá, a Grande Mãe, contou a todos o que soube através de Ifá: Oxóssi tinha sido encantado por Ossáin, no fundo da Mata. Ogum juntou um grande grupo de caçadores e se embrenharam na mata, dias e dias, procurando, até que encontraram.

Ossáin sentiu o cheiro de gente estranha, se escondeu na touceira de taquari e ficou espiando por trás das folhas. Oxóssi recebeu os caçadores, muito tranqüilo e feliz da vida. Ogum, muito afoito e briguento, quis saber o que houve. E os dois tiveram uma conversa:

– Meu irmão, o que aconteceu? Você desapareceu! O que houve?

– Não houve nada! E não estou entendendo o porquê de tanto alarido...

– Como não está entendendo? Você desapareceu, meu irmão, e a gente veio à sua procura. E olhe que a gente tem andado por dentro desta imensidão de mata...

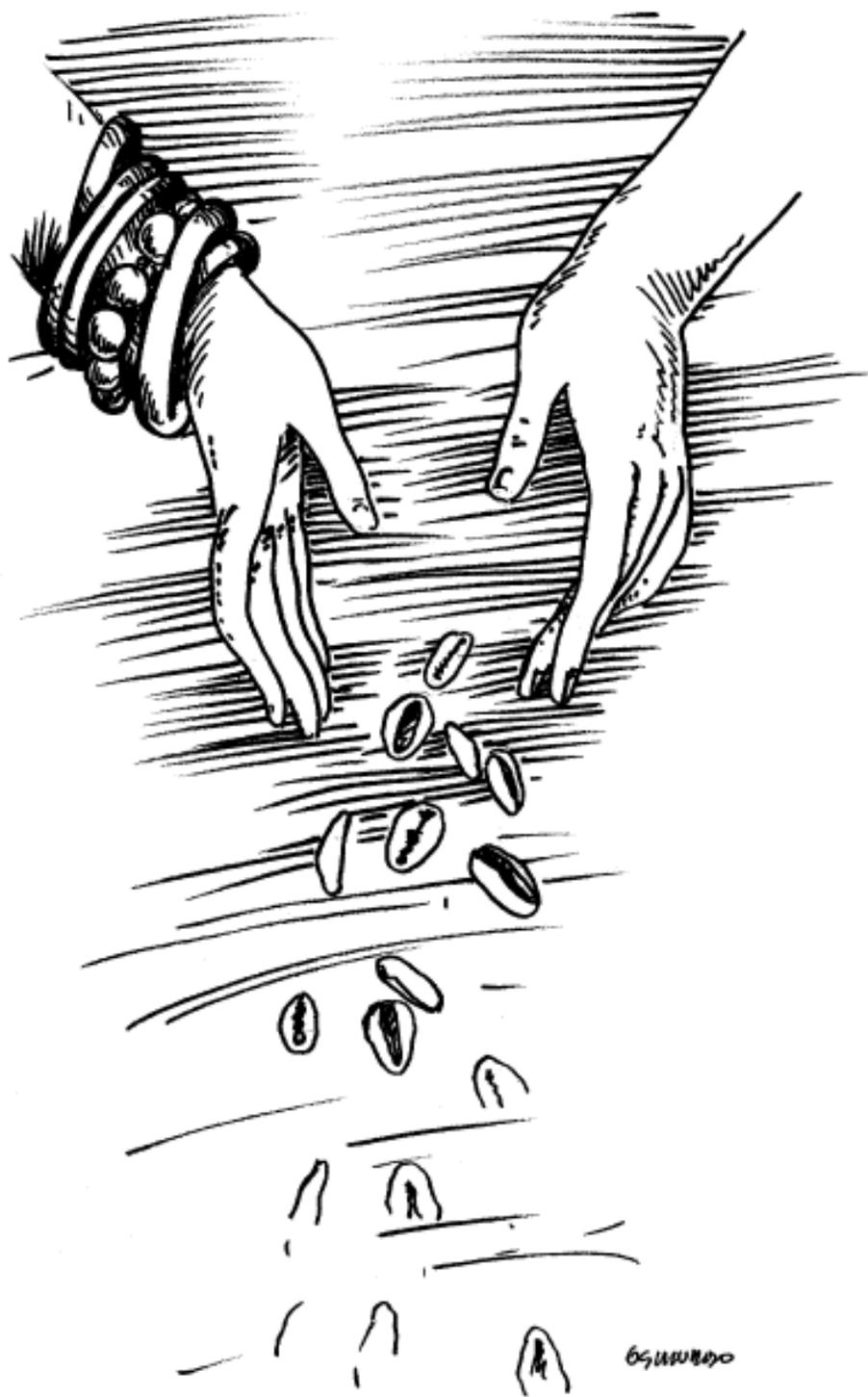
– Eu não desapareci. Eu resolvi ficar uns tempos por aqui mesmo...

– Com quem?

– Com Ossáin...

– Já que é assim... Cada qual com seu igual!

Ogum chamou os outros caçadores e todos se retiraram. Ossáin saiu do taquari, derramou sobre Oxóssi o pó do bambuzeiro que faz as pessoas se envultarem e se confundirem com as folhas. É por isso que até hoje se diz, quando alguém resolve seguir outro: **Quem foi amarrado porque bebeu da cumbuca de Ossáin, nem a espada de Ogum corta este nó.**



OSUWURO

## A grandeza e a obrigação

Na criação do mundo, Olodumare deu a Oxum o privilégio de atender aos mortais e responder às perguntas feitas por eles no jogo de búzios. Ela nem queria isso, mas foi distinguida com tal fidalguia. Com o tempo, sempre fazendo a mesma coisa, Oxum estava ficando enfadada com a atividade de ter de responder às perguntas dos humanos. Era tanta pergunta, uma miudeza que não acabava mais. Gente que de nada entendia e queria saber de tudo, perguntas sem cabimento, encabulações, interesses descabidos, teimosias, mágoas, ódios, sede de poder, inveja, ciúme... Olhe, senhor, tanta coisa... Enfim, todo esse bolodório que só os humanos sabem viver.

Ela resolveu, então, deitar-se no remanso do rio e cochilar um pouco para ver se encontrava uma solução. Quando estava naquele soninho, vai mas não vai, um estalido chamou sua atenção. Abriu os olhos... Quem estava ali? Ele, Exu, o que gosta de ser grande em tudo. Todo galanteador, ele abriu a boca e disse:

– Olá, Senhora dos Búzios, Dona da Beleza! Que faz assim, toda largada nas águas?

– Eu?! Estou aqui, assim... Pensando em passar os direitos de minha grandeza a quem queira ficar com eles...

Muito interesseiro, Exu logo quis saber:

– Como assim?!

– É que eu tenho a grandeza e por isso sou eu quem responde às perguntas dos mortais, quando eles querem saber das coisas no jogo de búzios. Papel importantíssimo, esse meu.

Exu se fingiu bajulador e disse assim:

– Pois é... Os grandes têm lá suas grandezas... E eu por aqui, nesta pendanga de equilíbrio. É equilíbrio para aqui, equilíbrio para ali... Uma chatice...

Oxum percebeu que Exu estava começando a morder a isca e se empenhou numa negociação. Cautelosamente, pois ela sabia como Exu é malicioso, ardiloso e interesseiro. Enfim, ele não bate prego sem estopa. E foi fundo numa proposta:

– Que tal a gente fazer assim? Eu te passo essa grandeza que é só minha, toda minha, a de responder a tudo que os mortais querem saber e, ainda de quebra, você fica com o privilégio de ser servido em primeiro lugar. Então eu vou ter tempo para lustrar minhas pulseiras e meus anéis, me mirar nos meus espelhos, me enfeitar na hora em que eu bem quiser e entender...

Claro que Exu aceitou. E aí os dois fizeram o pacto e um ebó sacramentou a mudança de papéis entre eles dois. E mal Exu deu as costas, feliz e sirigaiteiro, pela estrada a fora, Oxum sumiu nas águas encantadas do rio.

Dias depois, Exu voltou, arrependido, à procura de Oxum para desfazer o pacto. Mas a Senhora dos Búzios tinha se sumido nas águas. E tanto procurou até que foi encontrar a Senhora das Águas, toda sorridente, enfeitando-se numa cachoeira. Queixou-se muito, mostrou as desvantagens da troca e o enorme prejuízo que estava tendo, mas Oxum nem quis saber de conversa: mergulhou nas águas e sumiu.

Daí, Exu se apresentou a Olodumare e pediu para ele obrigar Oxum a desfazer o trato. O Controlador do Destino ouviu

tudo e, depois, se pronunciou:

– O que está feito, está feito. Palavra dada, destino empenhado. Agora é tarde... Afinal, você sempre quis ser considerado *O Maior* em tudo. Pois fique sabendo: **Os grandes são escravos de sua grandeza.**



## A jaca mole

Oxalá amanheceu com vontade de viajar. Olhe que isso é uma raridade acontecer. É tão raro, que os outros orixás atenderam, de imediato, ao chamado dele para participarem. Saíram de madrugada. Oxalá é assim: só começa as coisas antes do raiar do dia. E lá se foram, em fila indiana. Todo mundo andando sem pressa, pois Oxalá é lento, vagaroso e só anda em último lugar.

Iansan, acostumada com a agonia de sua tempestade, foi ficando impaciente. Olhava para um canto, olhava para outro, mirava o horizonte sem fim bem lá longe. E foi ficando cada vez mais agoniada. Começou a pensar consigo mesma:

– Ah, se eu estivesse sozinha... Logo, logo, eu estava lá.

Se pelo menos Xangô, seu parceiro de agonia, resolvesse lhe acompanhar... Mas que nada: Xangô hoje estava decidido fazer companhia ao mais-velho... A agonia aumentou tanto, que ela não suportou mais andar no passo de cágado. Aí, ela rodopiou e seguiu em frente sozinha. Lá, bem adiante, parou. Ficou embaixo de uma jaqueira, enquanto observava o grupo que se arrastava lentamente, por causa de Oxalá. A essas alturas, ela já estava pensando no que ia fazer depois que voltasse da viagem. Assim, ela navegou nos pensamentos, fazendo mil

projetos. E a ventania corria pelo mato, derrubando folhas verdes e maduras.

Quando ela estava assim, bem de seu, uma jaca-mole, bem madura, despencou bem em cima de sua cabeça. Ela ficou banhada de visgo e melação de jaca, da cabeça aos pés. Tomou um susto enorme, deu um grito e ficou sem saber o que fazer. Aí, ela se sentiu profundamente desamparada e resolveu voltar ao encontro do grupo.

Todo mundo notou a melação, mas ninguém disse nada. E aí de quem perguntasse qualquer coisa... De cabeça baixa, ela passou por Oxalá e tomou o último lugar na fila, atrás dele. Iansan apenas ouviu a última frase de uma conversa, que já estava terminando, entre Oxalá e Omolu, os mais velhos entre os mais-velhos:

– Pois é... Como o senhor bem sabe, esse povo assim, agoniado, precisa aprender... **Quem só anda às carreiras vai ter que voltar muitas vezes, para vencer a agonia.**



## A lonjura e a demora

Contavam os mais-velho que, tempos depois da criação do mundo, Olorum andava querendo saber como os humanos entendiam o espaço no tempo e o tempo no espaço. Tinha que escolher um embaixador de tarimba: firme, decidido, paciente, profundamente observador e, principalmente, que soubesse aguardar sem dar um vacilo. Ninguém melhor do que Iroco, o Mestre do Tempo. Dito e feito: Olorum mandou e Iroco veio ao Iluaiê, para descobrir o que Olorum queria saber.

Iroco recebeu ordens de procurar uma aldeia muito antiga e conversar com Iroju, que era o morador mais velho do lugar. Procura daqui, procura dali, e ele terminou tendo informações sobre a aldeia, onde ele podia encontrar Iroju, o morador mais velho entre os mais-velhos da Terra. Depois de dias procurando, Iroco encontrou um homem que tinha uma boa informação. Iroco chegou, bateu palmas e o homem veio atender. Terminou dizendo assim:

– Ah, moço, eu estou muito contente hoje. Um filho meu que está ausente há muito tempo vai chegar daqui a três dias. Logo, logo, ele vai estar aqui e o tempo é muito curto para eu tomar as providências que quero.

O homem conversou muito e animou Iroco a prosseguir. Disse que a casa do velho ficava perto dali e indicou a direção.

Iroco agradeceu e se despediu. Andou muito, até que precisou procurar outro informante. Terminou encontrando outro homem, que pouco conversou. Apenas disse o seguinte:

– Ah, moço, eu estou muito preocupado com a ausência de um filho meu. Olhe, ele saiu tem uma hora e ainda não voltou. Eu não agüento mais essa demora. Tanto que eu queria saber em que lonjura ele está...

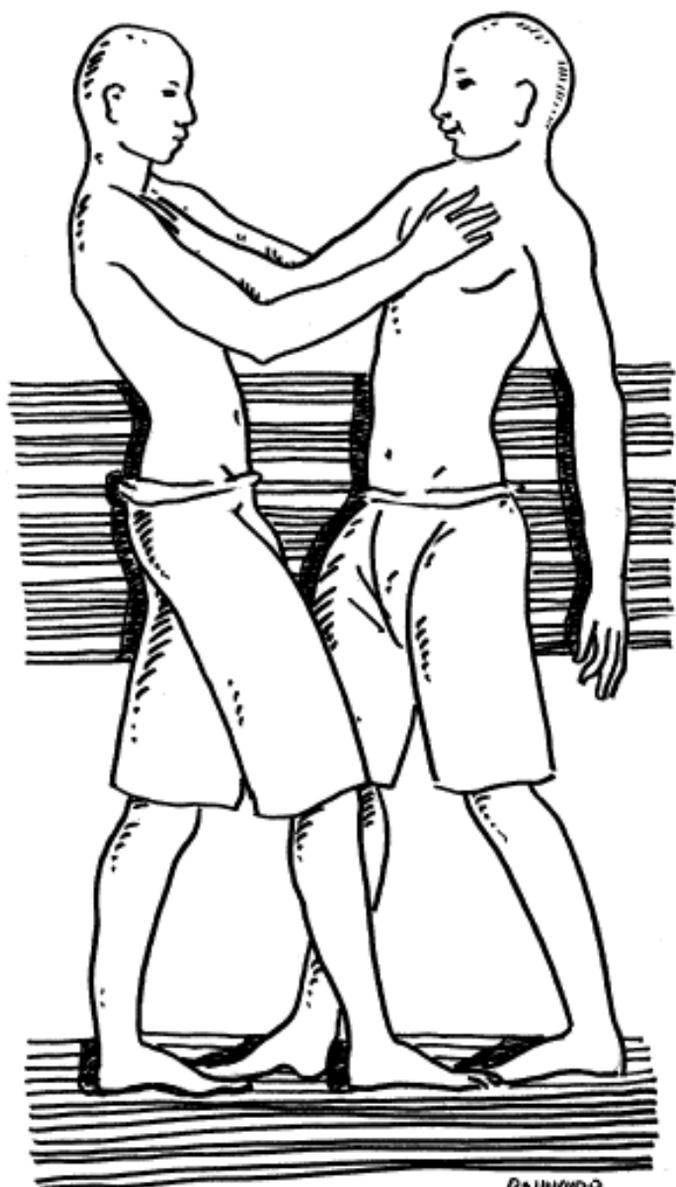
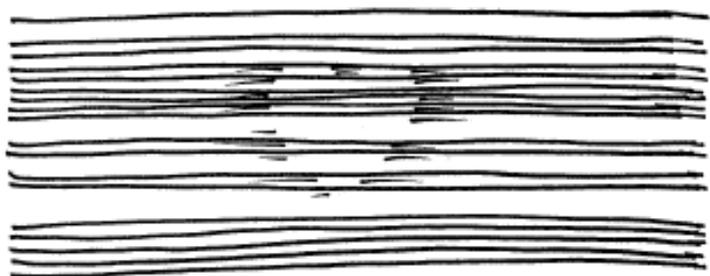
Iroco ficou por ali, olhando o mundo, esperando pacientemente, para colher mais alguma informação. Mas o homem continuava amuado e não adiantou puxar conversa.

Para se ver logo livre da visita, o homem informou:

– Dizem que a casa do velho que o senhor procura fica para as bandas de lá... Mas é muito longe. Mas muito longe mesmo...

E apontou na direção a ser seguida. Iroco se despediu agradecido e se pôs a caminho. Para sua surpresa, logo depois da primeira curva da estrada, avistou a casa do velho, embora tivesse recebido a informação de que a casa ficava muito longe. Andou só um pouquinho e foi logo chegando aonde queria.

Mas antes de se aproximar da casa de Iroju, Iroco resolveu descansar um pouco para pensar. Sentou-se numa pedra, debaixo de um arvoredor e ficou pensando sobre tudo o que viu e ouviu, naquela tão longa e, ao mesmo tempo, tão curta viagem. E ele terminou concluindo que nem precisava mais conversar com Iroju, pois já sabia a resposta para ser dada a Olorum: **A distância e o tempo têm o tamanho da preocupação.**



0911111100

## A mudança e o coração

Havia uma aldeia em que até os jovens viviam desiludidos, porque ali não acontecia nada de novo. As pessoas conservavam os mesmos hábitos desde muitas gerações. A pasmaceira terminou tomando conta de tudo e de todo mundo. Então, o chefe da aldeia resolveu fazer uma reunião com os seus conselheiros. Depois de muito discutirem, e sem chegar a uma solução prática, todo o conselho decidiu que o melhor era consultar Xangô.

Na consulta, Xangô aconselhou, sem muita conversa:

– Façam uma grande mudança em tudo.

Aí, o Conselho dos Mais-Velhos designou um grupo de homens e mulheres para realizar as mudanças necessárias. O povo foi convocado para participar ativamente. Queimaram as palhoças e fizeram outras novas. Mudaram os roçados de lugar. Até mesmo passaram a apanhar água de beber em outra fonte. As mulheres teceram novas roupas, as crianças inventaram novos brinquedos e todo mundo ficou contente.

Mas vai daí a algum tempo, eles foram notando que a alegria estava se desfazendo. A rotina trouxe de volta o mesmo desânimo de antes. A fonte nova, as novas palhoças, as brinca-

deiras novas, nada adiantou. A tristeza tomou conta de todos. O chefe convocou o Conselho novamente. Outra vez, resolveram consultar Xangô.

Perante o orixá, tudo foi relatado miudamente e Xangô ouviu a conversa com atenção. E ainda se queixaram de que a solução apontada na primeira consulta não deu resultado. Então Xangô quis saber:

– Que mudanças vocês fizeram lá dentro?

Ficaram sem entender a pergunta e pediram uma explicação. Xangô explicou com a mesma severidade de costume:

– Ora! Dentro das pessoas, no modo de ver o mundo, a vida, um ao outro... Dentro de vocês mesmos... Dentro do coração...

Olharam um para o outro, cochicharam entre si. Terminaram por chegar à conclusão de que, na verdade, cada um permanecia como era antes. Então Xangô disse:

– **A verdadeira mudança tem que acontecer, primeiro, dentro de cada um!**



02110110

## A orelha de Obá

Já fazia tempo que Obá disputava com Oxum a preferência de Xangô. Acontece, porém, que Oxum era decidida, cheia de iniciativas, envolvente e cativante. Enquanto isso, Obá ficava ressentida com seus fracassos e tentava, a todo custo, imitar Oxum. Ela ficava furiosa porque Oxum alcançava com facilidade aquilo que ela não tinha. De tanto se ver imitada pela outra, Oxum resolveu dar um basta. Ficou aguardando o dia em que Obá viesse, outra vez, com aquele interrogatório enjoado. E o dia chegou. Obá disse assim:

– Mas me diga... Me conte como você faz... Como você consegue ser sempre a preferida? Eu preciso saber o segredo para fazer o mesmo também...

Foi a gota d'água. Disfarçando sua ojeriza, Oxum explicou:

– Ah, minha filha! Fácil, fácil... Aguarde com paciência que amanhã eu vou te ensinar um grande segredo. Se acalme, fique quieta e espere.

Oxum mandou que as cozinheiras preparassem um amalá, o prato preferido de Xangô. Recomendou que fizessem no capricho: bastante camarão pilado, cebola ralada, gengibre e pi-

menta-da-costa. O dendê tinha de ser daquele bem vermelho. As rodelas de quiabo não deviam ser fininhas. Ah, sim: tudo cozido em fogo brando. Mas houve, dessa vez, mais uma recomendação muito especial, daquelas que são verdadeiros segredos de pé de fogão. A cozinheira de maior confiança devia acrescentar uma orelha-de-pau, daquelas bem parecidas com uma orelha de gente...

Oxum se enfeitou toda, se perfumou, amarrou um bonito turbante na cabeça cobrindo a orelha esquerda todinha. Ficou esperando bem na dela. As cozinheiras trouxeram o amalá em frigideira de barro, bem quente, fumaçando. Nisso, chega Obá que, havia horas estava reparando Oxum por baixo dos olhos. Foi logo dizendo:

– E então, cadê o segredo? Você me prometeu...

Aí, Oxum, bem faceiramente, explicou:

– Ah, minha filha... Aqui está. Eis o segredo: este amalá fumaçando ainda...

Louquinha para saber de tudo, Obá não deixou por menos:

– E essa orelha bem por cima do amalá, o que é?

A outra respondeu:

– Ah, minha filha... Xangô adora uma orelha... Então eu mandei preparar uma orelha para ele...

A curiosidade de Obá aumentou mais ainda:

– E por que seu turbante hoje está tão diferente assim, cobrindo sua orelha?

Oxum não se fez de rogada:

– Foi porque eu cortei minha orelha esquerda para preparar o amalá... Sempre preparo comida para Xangô com pedacinhos de mim. Hoje foi a vez da orelha...

Obá viu a orelha enfeitando o prato, deu-se por satisfeita e ficou esperando a reação de Xangô. Gostava de fingir não estar reparando nada, sentada num canto, olhando por baixo

dos olhos. Viu Xangô comer o amalá, se deliciando e gabando os dotes culinários de Oxum. Depois de se fartar, Xangô ainda convidou Oxum para um belo passeio que durou o dia inteiro.

No outro dia, Xangô encontrou Obá com uma orelha cortada, pano cobrindo a ferida e um amalá, contendo a própria orelha dela. Ele se repugnou, deu um estrondo e nunca mais quis saber de Obá. Oxum, por trás da cortina, disse para si mesma:

– O mal do invejoso é que ele, além de não ter, não quer que o outro tenha.



0911111100

## A pele de búfalo

Oiá andava farta da repetição e resolveu inovar. Ela gosta muito de saber tudo, surpreender as pessoas com o seu sucesso. De repente, teve um estalo: ia ao mercado da feira disfarçada. Mas não ia usar um disfarce qualquer. Tinha de ser alguma coisa que chamasse a atenção... Que tal uma magia bem forte? Foi então que lhe ocorreu a idéia de vestir uma pele de búfalo. Mas tinha de ser uma pele mágica.

Pois bem. Lá se foi ela, entrou na floresta e fez o encanto. Mais tarde, na feira, as pessoas todas viram aquele enorme búfalo pra lá e pra cá, chamando a atenção de todo mundo. Surgiram os mais diferentes comentários, um disse-me-disse que não acabava nunca mais. De repente, o búfalo surgia do nada e, sem mais nem menos, desaparecia sem ninguém saber como. O búfalo virou assunto para qualquer ocasião, em todos os lugares. E Oiá se babava de contente.

Acontece que, há tempos, Ogum andava meio tristonho. Ele tinha sido atraído pela personalidade forte de Oiá e ela não dava a mínima atenção para ele. Nos dias de mercado, lá estava ele, esperando que ela aparecesse. Dias ela vinha, dias não vinha. Ele começou a notar que o búfalo só aparecia na feira,

durante a ausência de Oiá. Sabe como é: a pessoa apaixonada observa tudo na outra, nos mínimos detalhes.

Depois de dias e dias observando, Ogum descobriu que o animal saía direto da feira para a floresta. Um dia, ele resolveu seguir o bicho misterioso. Dentro do mato, escondido pelas folhagens, terminou descobrindo tudo. O búfalo se transformava em Oiá. Naquele dia, ela saiu da pele do bicho e mergulhou no rio, para um banho gostoso. Aí, Ogum correu, pegou a pele encantada e escondeu bem escondida.

Quando Oiá saiu do banho, se deu conta de que a pele mágica tinha sumido. Dentro da pele, estava guardado o seu poder de encantamento, magia e axé. Ah, criatura, nem te conto... Oiá caiu em desespero. Tomada de ira, quis soltar a tempestade, mas não funcionou. Seus poderes tinham ficado na pele encantada.

Foi aí que Ogum apareceu e disse a ela:

– Só devolvo a pele, se você se tornar minha mulher...

Sem outra saída, desprovida de seus poderes mágicos, Oiá não teve outro jeito, a não ser fazer o que Ogum queria. E lá se foi ela, seguindo os passos dele.

Mas havia alguém escondido por trás da cachoeira: Oxum. Ela, sem ser vista, assistiu a tudo, achando graça dos atropelos de Oiá. Terminou repetindo para si mesma:

– **Ao descuidado, come o rendido.**



## A resposta do coração

Kirina estava bem do seu, arrumando os açaás no tabuleiro, quando um barulho de passos apressados lhe chamou a atenção. E seu cabelo ficou arrepiado com que estava vendo: um batalhão caminhava em sua direção. Essas coisas, soldado, exército, farda, sempre mexiam com sua natureza. O pensamento deu mil voltas e ela ficou assim, meio atoleimada, sem atinar na razão da presença de tantos soldados.

Diante do tabuleiro, por ordem do comandante, os soldados pararam. Eta pedaço de homem, Kirina viu. Alto, de bom corpo, olhos de gato, voz de touro. Kirina sentiu outro arrepio mais forte ainda e parecia que o chão tremia debaixo de seus pés.

– Bom dia, Dona!

– Bom dia Ioiô! Em que posso lhe servir?

– Meu batalhão está morrendo de fome. Estamos em diligência de guerra e há dois dias a gente não come nada. A Dona pode dar alguma coisa à gente para comer?

Kirina sentiu um baque no coração. A semana não tinha sido lá essas coisas, a vendagem foi pouca. Ela estava justamente contando com alguns trocados que entrassem hoje. E agora

estava ali aquele comandante a lhe pedir seus quitutes de graça.... E lá se foi o pensamento de Kirina fazendo voltas. Viu os filhos que ficaram em casa, esperando as providências, a mãe parálitica que dependia dela. Mas seu coração bradou lá dentro, repleto de sentimento, mandando compartilhar. Quando conseguiu abriu a boca, Kirina não fez por menos:

– Olhe, Ioiô... Aranha vive do que tece, mas é Deus e Ogum que deixam a aranha tecer. Mesmo, hoje por ti, amanhã por mim... O que Deus dá é pra todo mundo e Ogum não vai me falar no dia de amanhã. Pode mandar os outros moços se servir...

O comandante deu a ordem e ficou parado, ao lado de Kirina, enquanto os soldados comiam. Num instante, o tabuleiro ficou vazio. Kirina ainda ofereceu água, que ela sempre trazia num barril. Quando tudo acabou, os soldados se afastaram e o comandante, todo faceiro e sorridente, disse:

– Bom... dinheiro, eu não trago. Mas tenho aqui umas coisas ajuntadas na guerra. Chamou um dos soldados e deu uma ordem. O ordenança, então, trouxe um enorme saco de couro e entregou ao comandante. O oficial entregou o saco a Kirina e disse:

– Abra. É seu...

Meio desconfiada, Kirina obedeceu. E quando abriu o saco, quase dá um ataque. O surrão estava apinhado de coisas de valor, moedas, coroas, ferramentas, um tesouro, enfim. E ela ficou um tempo enorme, entretida, examinando as coisas que estavam dentro do surrão. Quando levantou as vistas, o batalhão não estava mais ali. Aí, Kirina caiu em si: aquilo era coisa de Ogum, só podia ter sido ele... De longe, o comandante apreciava Kirina sorrindo e, virando-se para seus soldados, afirmou: **Não se vence batalha apenas com espada na mão. Também se vence com as armas do coração.**



© 1999

## A riqueza da sabedoria

Ifá sempre foi muito sabido. Por isso, todo mundo queria fazer consulta com ele, para saber do destino. Ele era ajudado por um empregado muito pobre, bom servidor e muito atencioso. Esse atendente recebia as pessoas muito bem e informava o que elas queriam saber. Por isso mesmo, tornou-se também muito conhecido. Mas apesar de suas qualidades, ele continuava em extrema pobreza.

Um dia, Ifá não pôde atender à clientela. Tinha se demorado mais que o previsto em uma outra cidade, socorrendo umas pessoas que precisavam de sua ajuda. Nisso, chegou um homem desconhecido, mal vestido, com o rosto meio escondido, querendo falar com Ifá. O empregado atendeu com toda gentileza. Explicou a ausência de Ifá e garantiu que ele seria atendido tão logo Ifá voltasse. Ele mesmo iria cuidar, para que o homem ficasse no primeiro lugar da fila de atendimentos.

O homem insistiu com o atendente, para que lhe desse uma orientação qualquer para o seu sofrimento. Não era possível esperar pela chegada de Ifá. Era uma emergência. O homem insistia e o atendente explicava:

– Eu sou apenas um pobre atendente. Quem sabe das coisas

é Ifá...

Então, o homem tentou, mais uma vez, convencer o atendente:

– Mas você já deve ter visto o seu senhor fazendo consultas muitas vezes. Por que não tenta uma experiência para me tirar desta tão grande aflição?

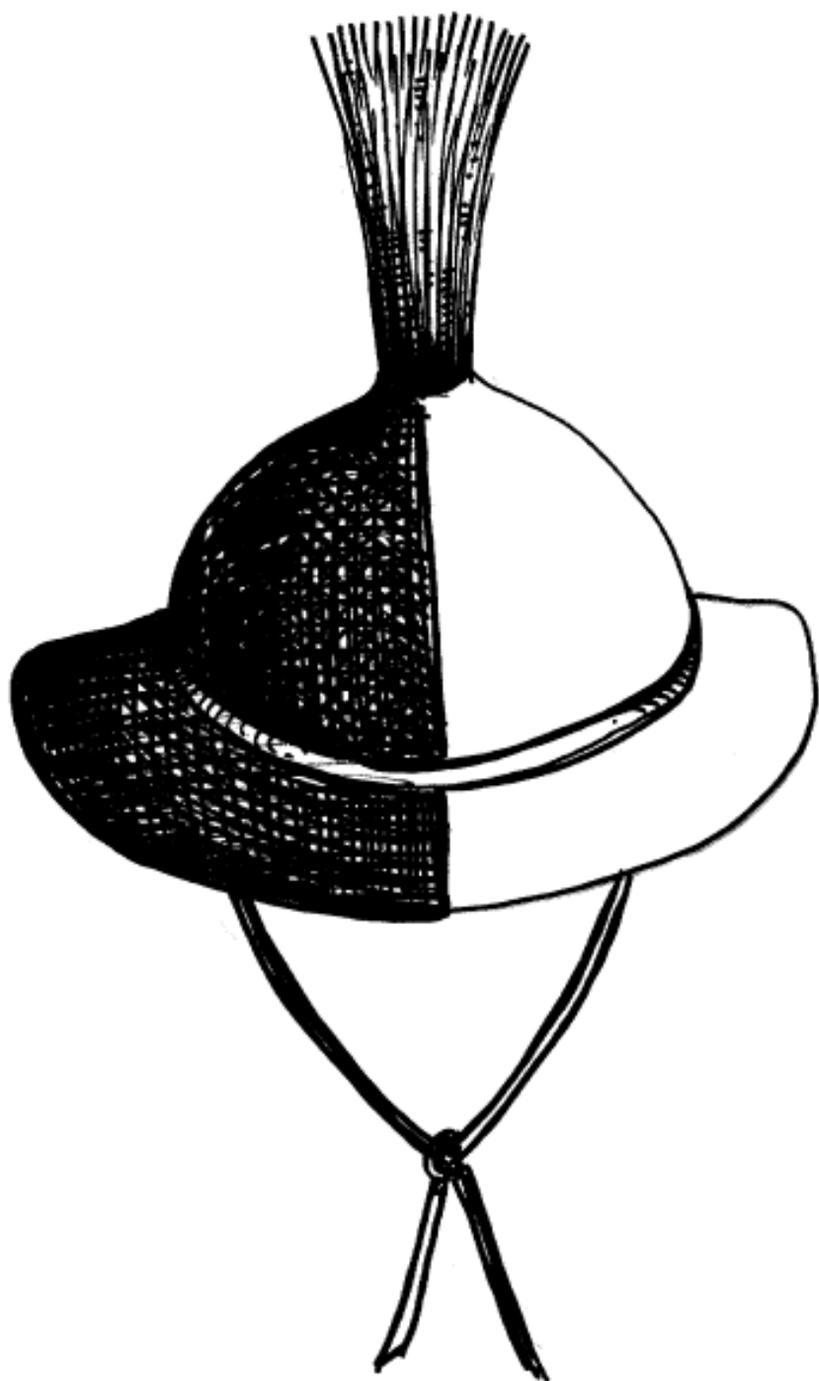
O empregado pensou, pensou e, com toda cautela, terminou dizendo:

– Bom... Como estou vendo o senhor tão aflito, tão sofrido, eu vou tentar fazer alguma coisa. Mas isso fica em segredo entre nós dois...

Entrou no quarto de consulta, jogou o opelê e respondeu ao que o homem queria saber. Profundamente agradecido, o visitante foi-se embora. Daí a três dias, Ifá estava atendendo a sua clientela, quando a carruagem real parou na sua porta. O próprio rei, em pessoa, procurava pelo empregado de Ifá. Foi um deus-nos-acuda... Todos ficaram meio assustados. Mas o empregado se conservou calmo, quieto no seu canto, esperando que Ifá conversasse com o rei e esclarecesse o que fosse preciso.

Finalmente, chamaram o empregado lá dentro. O rei declarou, então, que ele era aquele pobre homem, socorrido pelo atendente, na ausência de Ifá. O rei elogiou Ifá por ter um empregado tão honrado, tão sabido. Bateu palmas e os lacaios do rei trouxeram um baú que depositaram aos pés do empregado. E quando ele abriu o baú, lá dentro havia uma enorme fortuna. O rei então sentenciou:

– Essa riqueza é sua, embora você já seja muito mais do que rico. **A sabedoria é a maior riqueza que se pode construir neste mundo e a simplicidade é o último degrau da sabedoria.**



## O chapéu de duas cores

Contavam os mais-velhos que, na Aldeia de Ajalá, havia dois irmãos muito unidos. Eles jamais tinham brigado entre si. Nunca tinham se aborrecido um com o outro. A fama daquela amizade corria as aldeias e todo mundo comentava, fazendo disso admiração geral.

Um dia, Exu andava por aquele lugar e ouviu comentários sobre a tão falada amizade dos dois irmãos. Então, ele resolveu fazer um teste sobre a fortaleza daquela amizade. Descobriu os dois irmãos trabalhando num campo, que era dividido ao meio por uma estrada estreita. E eles trabalhavam cantando, cortando o mato com facões bem amolados, conversando sobre diversos assuntos. Aí, Exu pôs na cabeça um chapéu pintado de vermelho e preto, sendo que, de cada lado, só se via uma única cor.

Então, Exu passou pela estrada, entre os dois irmãos, fazendo uma saudação:

– Bom dia, irmãos unidos!

E os irmãos responderam a Exu, em uma só voz. Mas Exu passou por entre eles, sempre olhando para frente e seguiu adiante, até desaparecer na curva da estrada. Aí, um dos irmãos

perguntou ao outro:

– Quem era aquele homem de chapéu vermelho?

Ao que o outro respondeu:

– Mentira sua! O homem usava um chapéu preto...

O irmão que viu o homem de chapéu vermelho se sentiu ofendido e, pela primeira vez, mostrando-se aborrecido, devolveu a ofensa. E o que tinha visto o homem de chapéu preto ficou aborrecido também. Daí, eles começaram a discutir, num desentendimento sem igual. A raiva cresceu tanto, que eles terminaram se agredindo com palavras. As ofensas trocadas se agravaram e eles terminaram avançando um sobre o outro, armados de facão. Brigaram tanto que se mataram. E porque eles não tinham herdeiros, o campo ficou entregue às feras e às ervas daninhas.

É por isso que, até hoje, nas aldeias, os mais-velhos ainda avisam:

– Se lembre do chapéu de duas cores: **As coisas nem sempre são aquilo que parecem ser...**



09/11/2020

## O desejo de Gadamu

Um homem chamado Gadamu nasceu e se criou em Aldeia Velha. Desde novinho ele vivia insatisfeito com tudo que era de sua terra. Jurava todos os dias ir embora para Aldeia Grande, a terra das novidades, onde pudesse aprender muitas coisas para ser uma pessoa importante. O seu sonho era vencer na vida e viver conforme ele entendia. Por isso, ele não dava muita importância à sabedoria e ao conhecimento de seu povo. Para ele, tudo aquilo era muito limitado e ali, ele jamais seria um vencedor.

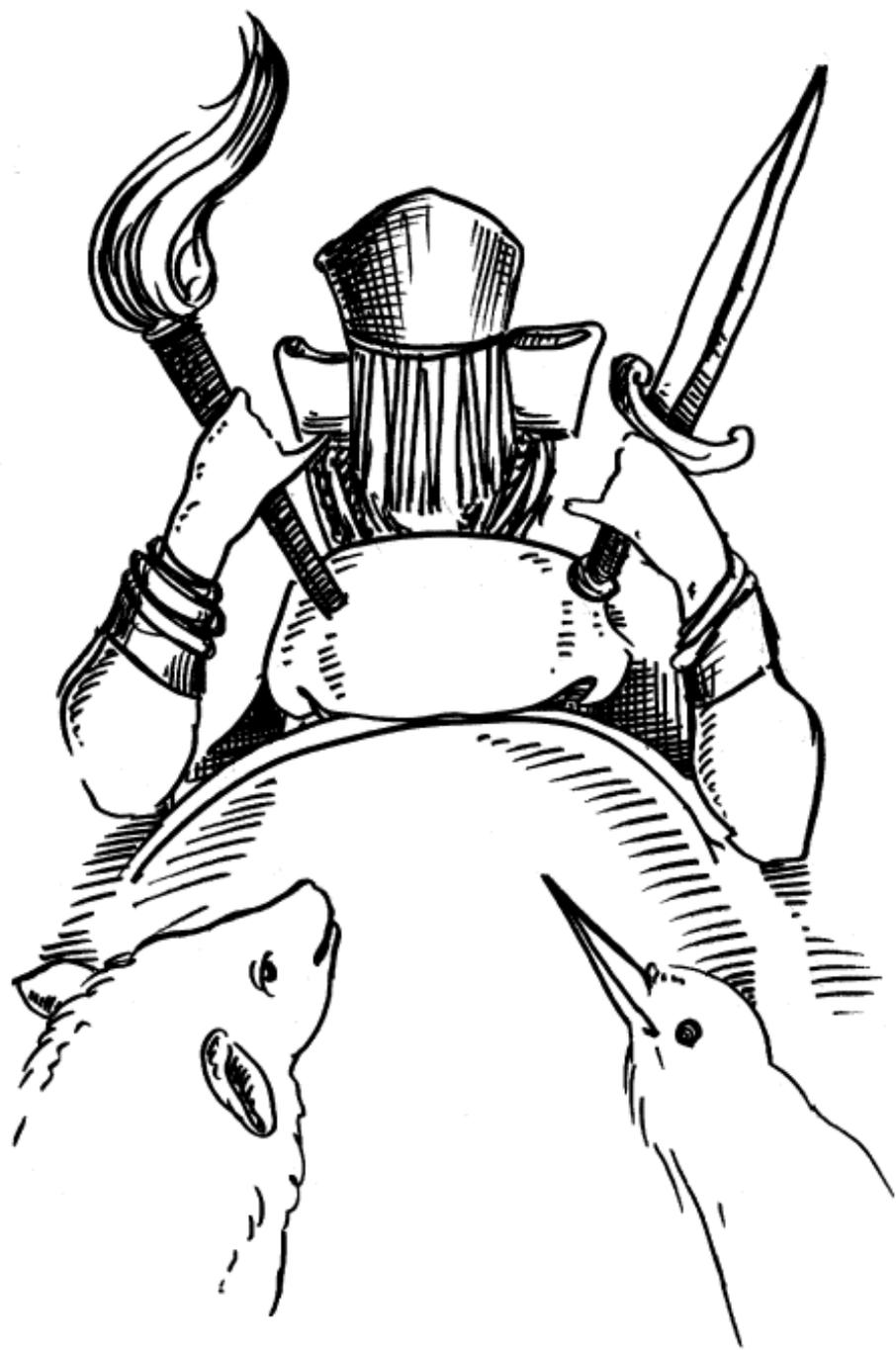
Quando os viajantes passavam por Aldeia Velha e davam notícias de Aldeia Grande, Gadamu ficava amuado e zangado com todo mundo. Mas Gadamu também sofria muito, pois amava seus parentes e seus amigos. Seu coração doía, quando ele pensava em deixar tudo e ir embora para longe. Um dia, Gadamu criou coragem e partiu. Apenas se despediu dos mais íntimos e muitas das suas coisas ficaram abandonadas porque, para ele, eram coisas sem serventia. De tempos em tempos, passavam viajantes por Aldeia Velha e informavam:

– Gadamu mandou dizer que não esquece de todos e que um dia vai voltar, mas ainda está lutando para alcançar o que deseja.

Passou muito tempo e um dia Gadamu voltou. Agora ele era um homem sabido, com muitos cestos e baús repletos de muita novidade. Considerava-se um grande vitorioso na vida. Mas Gadamu foi tomado de muitas surpresas: os avós e os pais dele não existiam mais. As irmãs tinham se casado com homens de outras aldeias e foram embora com seus maridos. Ele não conhecia mais os rapazes que tinham nascido depois de sua partida. E os jovens de seu tempo agora não sabiam mais o que conversar com ele. As velhas casas não existiam mais e os antigos animais de estimação, há muito tempo, tinham desaparecido. Os cachorros estranhavam Gadamu e não queriam saber de seus afagos. O terreno baldio, atrás de sua casa, agora era uma mata e a grande gameleira-branca tinha sido queimada por um raio.

Aí, Gadamu se deu conta de que sua amada Aldeia Velha não existia mais e a família, que era o seu maior tesouro, tinha se acabado. Pensou em voltar para Aldeia Grande, mas concluiu que também não tinha fincado raízes por lá. Afinal, ele tinha labutado o tempo todo em Aldeia Grande, para ficar sabido, garantir o futuro e voltar. Agora ele não sabia o que fazer com tudo o que tinha aprendido, porque ele não tinha mais quem sustentasse seus sentimentos.

E Gadamu ficou como exemplo: **Quem pensa apenas em si, mesmo coberto de glória, não tem com quem dividir.**



## O fofoqueiro

Ninguém mais sabia o que fazer: havia uma fuxicada terrível, pois tudo o que se falava no palácio se espalhava pela cidade. Oxalá, o mais-velho, irritado com a situação, ordenou que se apurasse tudo, tim-tim por tim-tim. Principalmente que se observasse os freqüentadores mais assíduos, aqueles que tinham trânsito livre. Ninguém deveria deixar de ser observado. De repente, ficou bem visto que os mais assíduos freqüentadores eram dois: Carneiro e Martim-pescador. Mas havia uma tremenda diferença entre eles, pois enquanto Carneiro era calado, reservado, manso, sempre de vistas baixas, Martim-Pescador era o cão por dentro do mato. Se metia nas conversas, vivia de entra-e-sai, dando notícia de tudo. Parecia uma tempestade.

Então foram dizer a Oxalá que já sabiam quem era o falador. Quando anunciaram que era Martim-Pescador, Iansan, a Mãe dos Ventos, agitada que só ela, tomou a palavra e pediu tempo para provar a inocência de seu protegido. Oxalá deu o tempo e Iansan saiu apressada como um raio. Daí, ela chamou Martim-Pescador e Carneiro e disse assim:

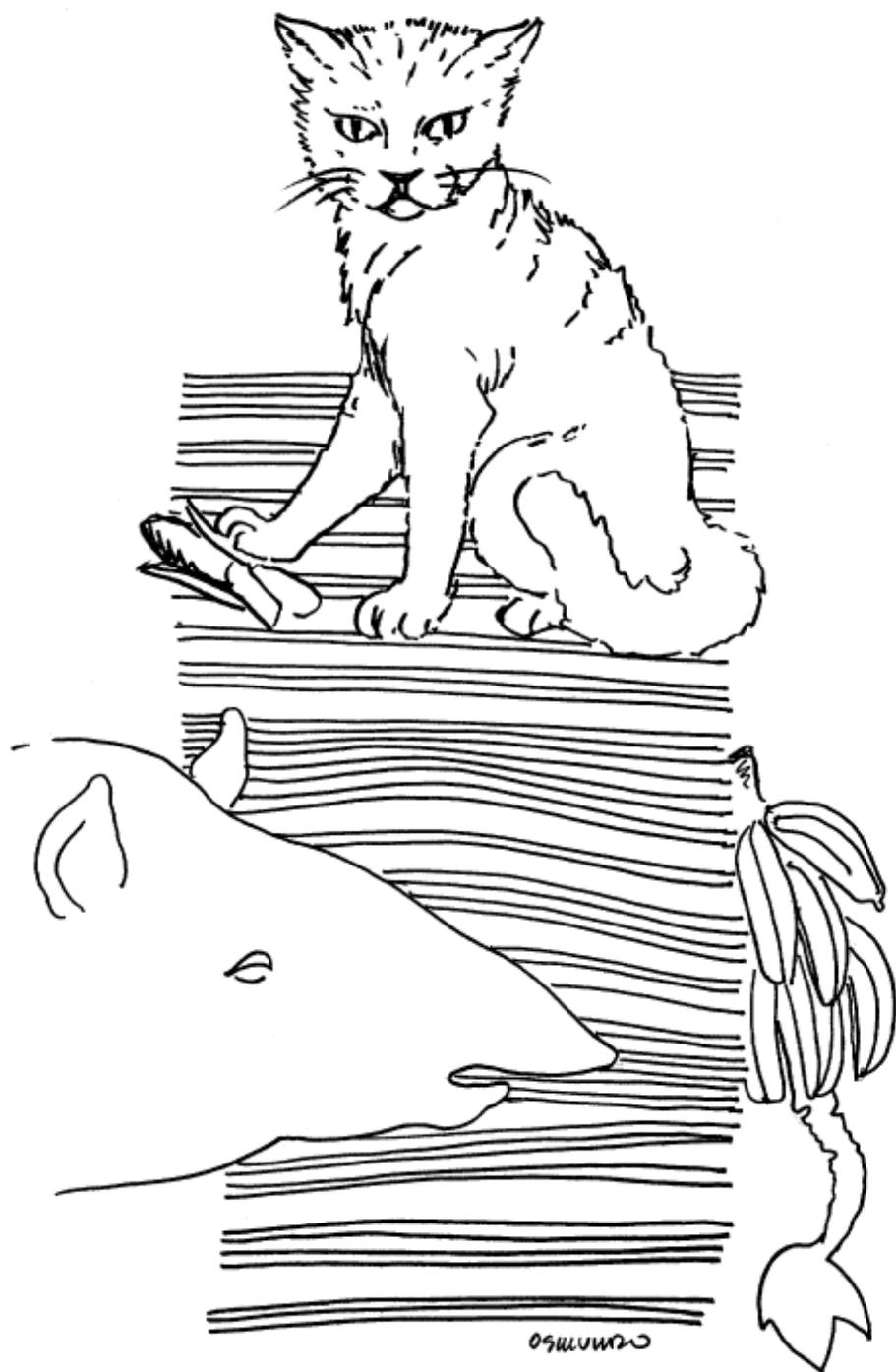
– Vai ter uma festa no palácio de Oxalá...

Interrompeu o que estava dizendo, pôs as mãos na cintu-

ra e percorreu os dois de alto a baixo, com olhares de autoridade, reprovação e cobrança. Depois, continuou:

– Oxalá vai premiar a quem aparecer com a melhor fantasia vermelha. Mas isso é segredo. Ninguém deve saber disso. Finjam que não sabem de nada e bico calado. Olhem lá, viu! Principalmente o senhor, Seu Martim-Pescador, com sua língua de trapo....

Pois bem. No dia da festa, foi chegando bicho, foi chegando gente, foi chegando encantado e o salão ficou repleto. E aí todo mundo viu: somente Carneiro e seus parentes estavam fantasiados de vermelho. Oxalá tem ojeriza a cores fortes e já estava sabendo de tudo, porque Iansan tinha contado a ele. Mandou expulsar Carneiro e sua gente daquela festa. E todo mundo ficou sabendo: era o manso e silencioso Carneiro o fofoqueiro do palácio. Apenas Martim-Pescador ficou morrendo de pena do Carneiro. Mas é isso: **Não se deve julgar o bom por bom, nem o mau por mau.**



## O gato e a anta

O Gato queria aparecer. Tinha que conquistar a Anta, pois estava cansado de namorar com as gatas do mato. Queria namoro novo... Deu de cara com a Anta, numa manhã de sol e de folhas verdinhas balançando com o vento brando. Comendo uma banana, a Anta fingiu nem sequer notar a presença do pixane. Ele, todo galanteador, também resolveu encenar:

– Ah, que cheiro gostoso de banana! Que fruta maravilhosa! Uma delícia!... Daria metade do meu reino para comer uma banana saborosa juntamente com uma pessoa adorável. Pessoas especiais gostam de comer bananas...

A Anta parou, cheirou o ar. Olhou para o Gato e soltou um risinho cúmplice. Era o que faltava... E lá veio o Gato todo fofo, todo macio, todo cheio de si mesmo. Tirou bocadas na banana da Anta, mastigou, engoliu e se lambeu. Gabou a preferência da Anta, o tipo da banana, comparou com o gosto de outras qualidades. Esta sim, era de primeira categoria... Depois, entre lambidas e saracoteios, se retirou agradecido, mansinho, mansinho. A Anta, embevecida, julgou-se bafejada pela sorte. Mas quando o Gato dobrou a curva da estrada, ele olhou

para os quatro cantos do mundo, não viu ninguém e botou pra fora tudo o que tinha comido. Seguiu pra casa repugnado e ficou o resto do dia indisposto.

Passou um dia, no outro, o Gato voltou e repetiu a cena. E assim continuou fazendo, dia sim, dia não. Um dia para o namoro e outro dia para se recuperar. A coisa estava tão boa, que a Anta já estava até pensando em ficar noiva. Mas uma certa tarde, o Gato exagerou. E não se agüentando mais, fez feio diante da Anta: botou pra fora as três bananas que ele tinha comido de uma só vez. Teve falta de ar, ficou tonto e caiu no chão. Foi um vexame...

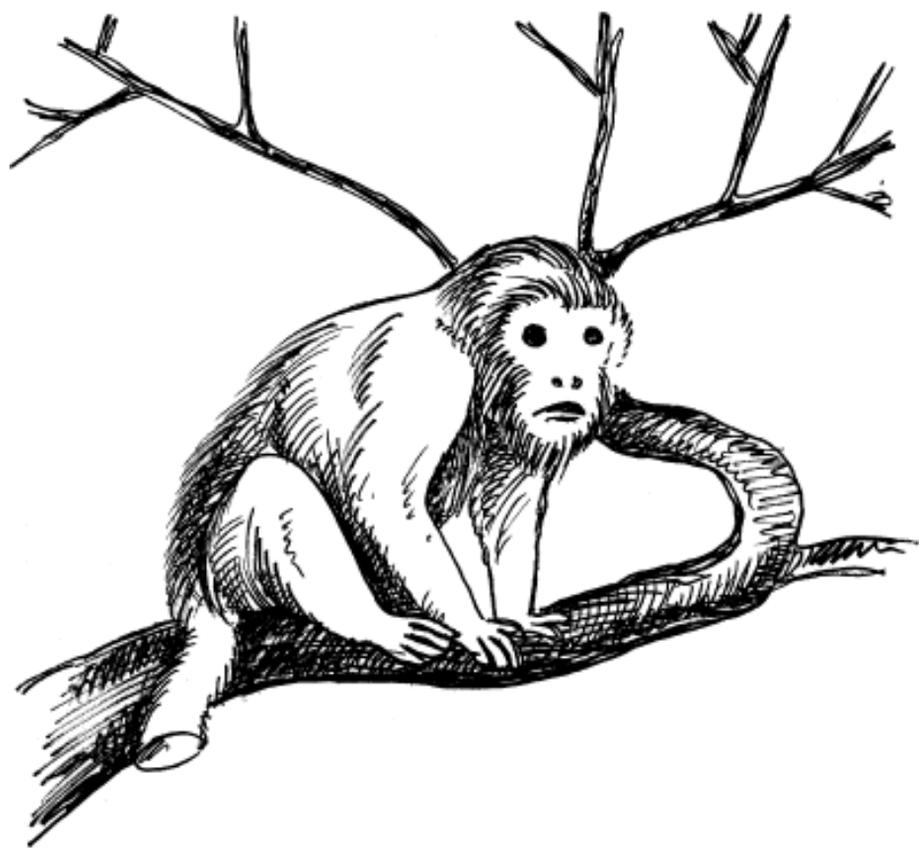
A Anta, coitada, muito aflita, agoniada, não sabia o que fazer. Seria algum feitiço? Também podia ser mau-olhado. Desde que começou o namoro com o Gato, era uma inveja que não acabava mais. As colegas nem sequer lhe davam mais um bom-dia, mortas de inveja. Esse povo é assim: nem tem, nem quer que os outros tenham. Por qualquer coisinha, tome-lhe olho-grosso... Ainda mais namorado bonito, a coisa que mais desperta inveja neste mundo de hoje...

Mas quem estava acompanhando tudo aquilo, há dias, em silêncio? A Paca, sua madrinha. O tanto que tinha de gorda tinha de sabida. Eta velha experiente, aquela Paca Madrinha! Calada, reservada, observando, pensando, só olhando... A Anta, então, muito chorosa com o estado em que o Gato se encontrava, perguntou:

– Madrinha, o que será que deu nele?

A Velha Paca, que até então não tinha se metido em nada daquele namoro, exclamou com sua voz segura e firme, como se já estivesse pronta para dar o aviso, desde o princípio do mundo:

– Ora, minha filha... Todo mundo sabe: **Gato gosta mesmo é de carne, por mais que finja gostar de banana!**



## O macaco e a cutia

O macaco tinha uma mania de olhar os defeitos dos outros para criticar. Na falta do que fazer, cismou de perseguir a cutia, botando os piores defeitos nela. Toda vez que passava pela porta da cutia, gritava apelidos jocosos. E morria de prazer, porque a cutia se danava, xingava, dizia coisas do arco-da-velha. E quanto mais a cutia se danava, mais o macaco ficava feliz.

Um dia, o macaco soube que a cutia era cotó, isto é, não tinha rabo. Aliás, ela nasceu com um rabo muito bonito e comprido, mas um dia, esquecida disso, sentou-se à beira da estrada, ficou distraída, olhando pro mato. Aí veio uma carroça e decepou o rabo, ficando apenas o toco. O macaco ficou tão contente, quando soube disso e resolveu pirraçar a cutia mais ainda. E sabe o que ele fez? Sentou-se na beira da estrada, a vida toda olhando para a toca da cutia. E passou a manhã inteira, de instante a instante, berrando:

– Camarada cutia, quem tem rabo sai do caminho!

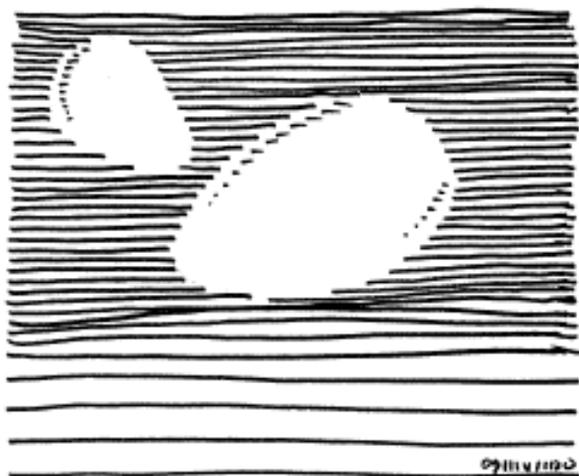
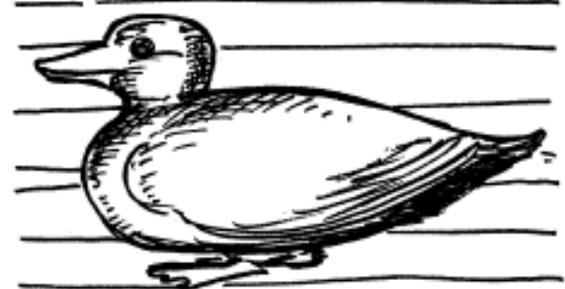
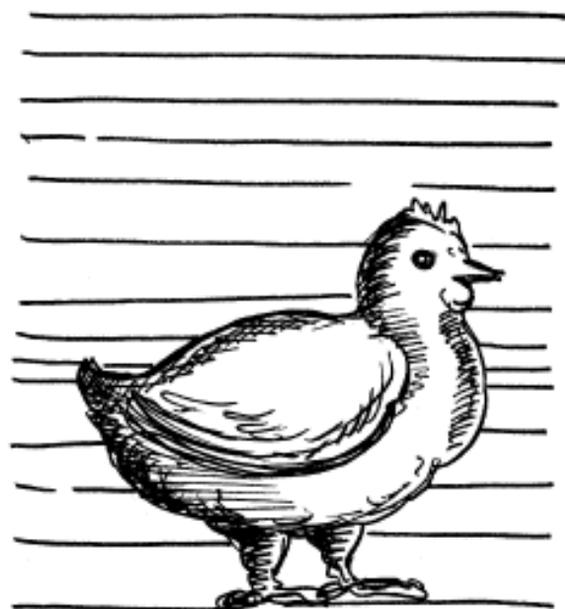
A cutia, coitada, morta de raiva, nem saiu da toca para beber água, envergonhada de tanta humilhação. Perto do meio-dia, o macaco já nem se agüentava de tanto prazer, aos gritos,

que nem viu uma carroça que se aproximava. Mas todos ouviram seu grito de horror e viram um enorme rabo decepado, sebulindo na estrada.

Todos os bichos da redondeza vieram para saber do que se tratava. E foi juntando bicho... Uns com pena, outros zombando, outros espantados. O comentário era geral, cada um dizendo o que achava. A cutia, então, tomou coragem e veio também espiar. Foi chegando devagar, meio desconfiada. Estava com os olhos vermelhos de tanto chorar por causa das pirraças do macaco. Foi passando pelos outros bichos, até que chegou na estrada.

E diante do que viu, também gritou:

– Ora, onde já se viu? **Macaco não olha pro rabo!**



## O ovo anunciado

A galinha estava assanhada. Queria descobrir um meio de valorizar seu produto. Sem saber o que fazer, mal chegava a madrugada e ela descia do poleiro, agoniada, nervosa, ciscando tudo que encontrava. Uma comadre já bem idosa, vendo aquele eterno entra-e-sai da galinha, deu um conselho:

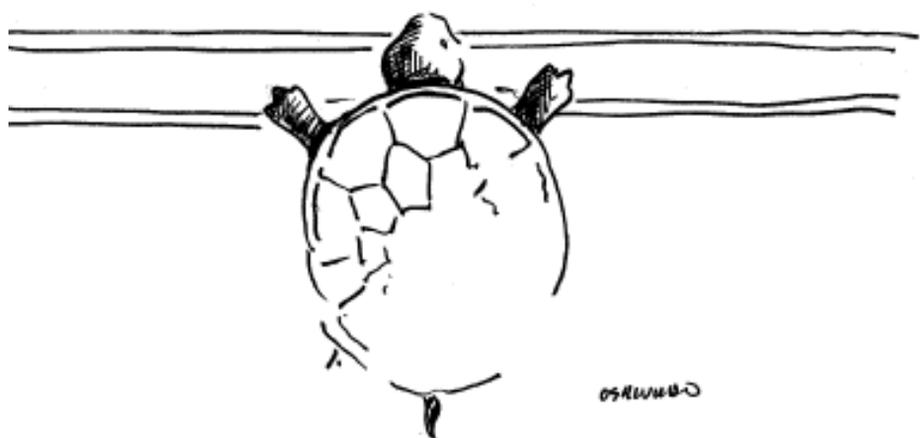
– Olhe, por que a senhora não vai fazer uma consulta? Senhora, se cuide... Em vez de ficar nessa agonia, vá a quem pode lhe ajudar a encontrar as respostas...

A galinha, então, depois de muito pensar, venceu a indecisão e foi fazer a consulta. E lhe foi aconselhado botar a boca no mundo. E assim ela fez: ao botar um ovo, cacarejava a não mais poder. Todo mundo ficava sabendo, de imediato, quando a galinha desovava e queria obter o que ela produzia. Enquanto isso, a pata, quieta em seu canto, a tudo espiava, calada. E resolveu também fazer uma consulta, mas nunca se soube o que lhe foi revelado. Sabe como é: esse povo, assim, calado, quieto no canto, jamais deixa que se saiba o que está realmente acontecendo. Mas deixemos isso pra lá.

Acontece, porém, que surgiu um mal de asma nas crianças da aldeia. As mães, aflitas, gastavam ovos e mais ovos de

galinha para curar os filhos, mas a doença não cedia. Uma das moradoras, já em desespero com o sofrimento do seu filho, resolveu, então, experimentar um ovo de pata como remédio. Usou, de início, apenas um ovo, até mesmo por medo de que aquilo, realmente, não servisse pra nada. Sabe como é: esse negócio, assim, não anunciado, ninguém conhece direito... Aquela mãe bateu um ovo de pata com mel de abelhas e sumo de mastruz. Mas não é que a asma cedeu?! A mãe bem sucedida contou a outra mãe que contou a outra mãe e, assim, foi um gastar de ovo de pata como nunca se viu antes.

As crianças ficaram curadas. As mães, no entanto, ficaram muito intrigadas com aquilo. Por que a pata nunca tinha dito isso a ninguém? Seria por pura ruindade? Por trás daquele silêncio tinha de haver uma explicação... A vizinha do pé da ladeira, a mais bisbilhoteira de todas, tomou a iniciativa e foi à casa da pata, assim, como quem não quer nada e querendo. Chegou lá, conversou, conversou e conversou. E na volta, todo mundo ficou sabendo do que a pata tinha dito: **O que é bom nem sempre é anunciado.**



## O preço da ingenuidade

Um dia, o cágado tinha saído para passear. Sorrateiro, lá se ia ele, vagaroso, pois tinha todo o tempo do mundo para gastar naquele passeio. De repente, ao atravessar uma estrada em busca de comer qualquer coisa, ele descobriu uma trilha de formigas. Como estava mesmo sem fazer nada, resolveu fazer uma perversidade com elas. Passou por cima da trilha e esmagou um bocado de formigas que estavam carregando comida.

Confiante na sua superioridade, seguiu em frente, conversando sozinho:

– Afinal, quem vai se incomodar com algumas centenas de formigas esmagadas?

E lá se foi ele. Apressou o passo para sair daquele lugar, mas pisou em falso, caiu de barriga pra cima e ficou se esperneando, sem poder se desvirar. Caro lhe custou sair daquela posição. Depois de muito esforço, se desemborcou. Passou um tempo retomando o fôlego e seguiu adiante.

Já perfeitamente recuperado, o cágado ouviu uns gritos e quis saber do que se tratava. E quando chegou ao lugar de onde vinha o alarido, o cágado viu: era a onça segurando firme o macaco pelo rabo. O prisioneiro se esperneava, rodava, guinchava e nada da onça soltar o rabo dele.

O cágado tem lá suas qualidades, todos os bichos sabem disso. E ele quis saber do que se tratava. Afinal, aquele escarcéu estava tirando o sossego de todo mundo. O macaco, muito aflito, resolveu contar, enquanto a onça também se sentou, aguardando. A onça tinha caído numa armadilha e ficou presa três dias, com fome, pedindo socorro. O macaco ouviu o alarido, procurou e descobriu a onça no fojo. Todo prestativo, resolveu ajudar da maneira que sabia. Providenciou um cipó, mas o cipó era curto e não chegava até o fundo da armadilha.

Mas ele não ia de desistir tão fácil assim. Logo ele, tão gaba-do por todo mundo, pela sua esperteza e sagacidade... Dependurou-se no cipó, estirou o rabo e mandou que a onça escalasse a parede do fojo, agarrada ao rabo dele. Assim a onça fez e conseguiu sair da armadilha. Agora ela não queria soltar o rabo dele.

O cágado, então, disse ao macaco que seu depoimento era maravilhoso. E que agora ele batesse palmas e limpasse as mãos no chão, pois era assim que se devia proceder no final de um depoimento. Assim o macaco fez. A onça assistiu a tudo, muda, na certeza de que, agora, ia ter duas refeições... Pois bem, o cágado disse para a onça que também queria ouvir o depoimento dela. A onça disse que não ia mais largar o rabo do macaco, porque ela estava com fome há três dias e macaco era uma boa caça. Mesmo, não havia razão alguma para ela soltar o rabo do macaco.

O cágado elogiou o depoimento da onça e disse que ela procedesse do mesmo modo que o cágado fez: batesse palmas e limpasse as mãos no chão. A onça fez o que o cágado mandou. Aí, o macaco aproveitou o vacilo da onça, escapuliu e sumiu na copa das árvores. A onça, irada, deu um bote certo-ro, pulou em cima do cágado, estraçalhou sua carapaça e devorou o bicho num instante.

**Pois é... A gente não paga apenas pelo mal que pratica. Também paga muito caro pelas besteiras que comete.**



## O Quibungo

Contavam os mais-velhos que, na Terra de São Nunca, o povo vivia apavorado. Apareceu um monstro devorador, tão pavoroso, que muitos morriam de susto antes de serem engolidos. Quando João Valente soube disso, pintou e bordou. Ameaçou de pinicar o bicho, quando ele aparecesse, como se corta cebola para temperar panela. João era muito valente e não respeitava ninguém. Um dia, ele entrou na venda de Seu Galo. A venda estava muito cheia e Seu Galo não notou a presença dele. João se enfureceu, deu um tapa na primeira pessoa e o tapa foi tão grande, tão grande, que todo mundo caiu de perna pro ar. João obrigou Seu Galo a dar tudo o que ele queria, de graça, pra Seu Galo aprender a enxergar João Valente até por trás de todo mundo.

Mas havia uma outra pessoa: Zé Mofino. Coitado: amarelo, franzino, recolhido em casa, trancado no quarto, com medo do Quibungo e de João Valente. Mas a lenha acabou e, depois de três dias de fogo apagado, Zé Mofino foi empurrado pela necessidade. Terminou saindo para buscar graveto no mato que ficava pertinho de sua casa. E de repente, quem apareceu? O Quibungo! Era um bicho enorme, daquele tamanho, todo

cabeludo, da altura de dois homens. Os olhos eram duas fogueiras e as mãos tão grandes, parecendo gamelas. Pegou Zé Mofino pelo meio e suspendeu o coitado pro alto, para devorar. Foi aí que Zé Mofino viu: a boca do Quibungo era no meio das costas.

Tomado pelo desespero, o quase-morto gritou:

– Seu Quibungo, pelo amor de Deus!... Não me coma porque eu sou um mofino. Coma Jão Valente que ele tem muita carne pro Senhor se sustentar e ficar mais forte ainda!

Aí, aconteceu o milagre: o Quibungo soltou Zé Mofino e disse assim:

– Me mostre onde está este tal de valente que lhe dou o dinheiro das pessoas que já devorei. O dinheiro está aqui, no meu bucho!

Zé Mofino foi na frente e o Quibungo atrás, até à porta de Jão Valente. Pela greta das janelas o povo espiava a rua e todo mundo se admirava da coragem de Zé: enfrentar o Quibungo e Jão Valente... Os dois de vez?! Misericórdia! O Quibungo bateu na porta de Jão e ele veio atender com gritos e ameaças:

– Quem é este ousado, me incomodando a essas horas? Espera aí que lhe dou o seu!

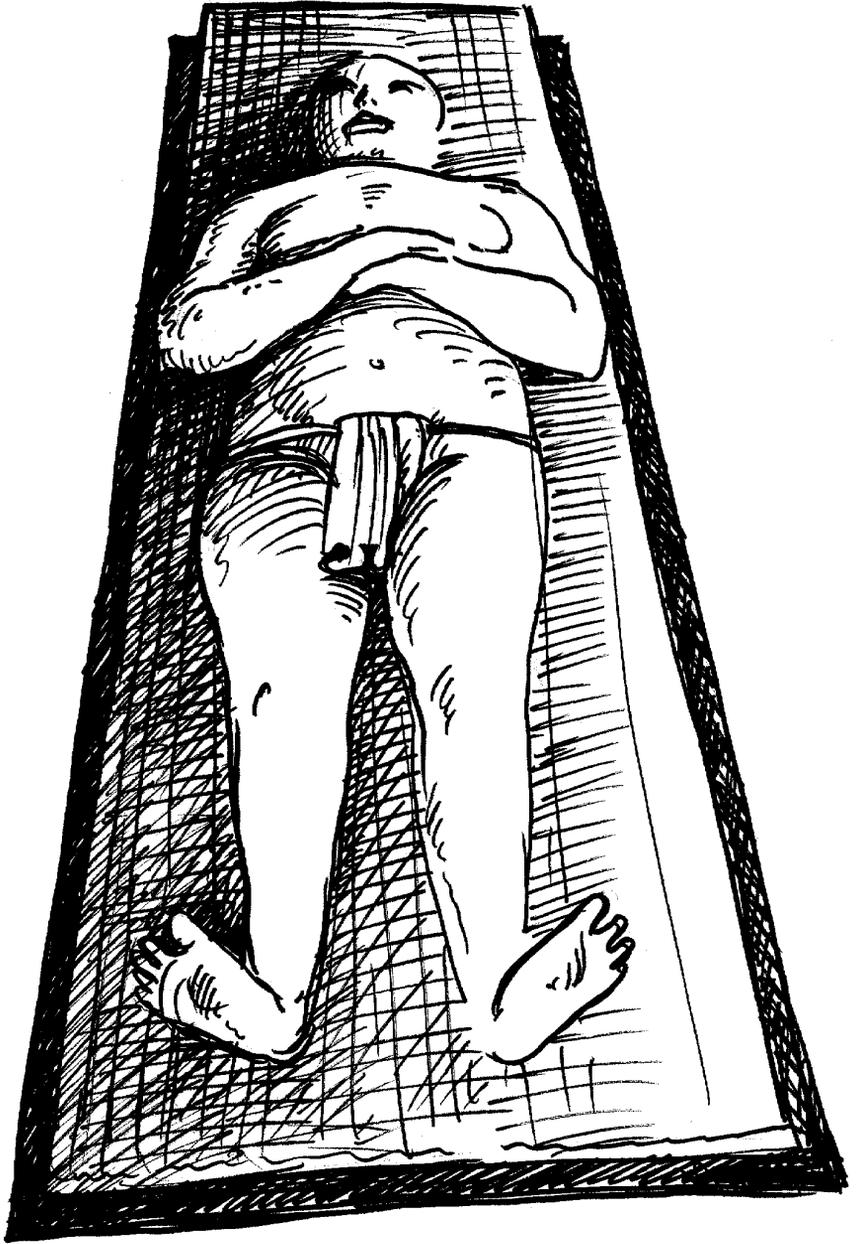
Abriu a porta de supetão, mas quando viu o Quibungo deu uma tremedeira e se borrou todo. O Quibungo ficou com nojo dele e fez a pior zombaria:

– Abre a boca, cagão, se tu é valente mesmo, pra tu ver se não te como com casa e tudo! Só não faço isso agora mesmo, para não estragar minhas tripas, devorando uma porcaria igual a tu. Mas estou ordenando: desapareça daqui, pra sempre, senão eu volto e te como!

Jão Valente arrumou a trouxa na maior tremedeira e desapareceu no mundo. O Quibungo também resolveu desaparecer dali. Mas antes, cumpriu com a palavra: deu um bocado de

dinheiro a Zé, que agora não era mais Mofino. E ele passou a ser considerado por todos como uma pessoa corajosa, além de muito rico.

Viu? **Quem arrota valentia termina encontrando alguém de maior ousadia.**



09111111

## O saber e a sabedoria

O tempo tinha mudado completamente e um inverno rigoroso se abateu sobre a aldeia. A cada noite, o frio ficava mais doloroso. Correu a notícia de que as coisas iam piorar ainda mais. Estava vindo uma onda de frio muito mais perigosa. Aquele povo só estava acostumado a viver em tempo de calor. Até os invernos eram meio mornos. A notícia que se espalhava estava deixando todo mundo com medo.

Todos foram logo cuidando de se preparar para o pior. A grande frieza estava anunciada para a madrugada. Mas havia um homem muito considerado por todos. Ele era muito sabido e sempre estava ajudando aos outros. Dava conselhos, providenciava coisas, fazia favores. Todo mundo que precisasse de favor apelava para aquele homem. Se alguém tinha uma dúvida, o homem esclarecia.

Mas tinha uma coisa: de tanto resolver as coisas dos outros, ele só vivia se esquecendo de si próprio. Era tão desmazelado de si mesmo, que sua casa não tinha porta. Apenas possuía um couro de bicho sobre o qual ele dormia.

Então, algumas pessoas resolveram ajudar ao homem e foram consultar Xangô, em busca de uma solução para o pro-

blema de uma pessoa tão boa. E Xangô mandou que dessem três esteiras de taboa para o homem. As pessoas voltaram e deram as esteiras a ele. E não dava mais pra conversar, pois a frieza estava insuportável.

A madrugada foi lenta, arrastada. Até os bichos emudeceram. Mas todo mundo sabe: não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe. E o sol raiou, trazendo a alegria e a vida de volta à aldeia. Aos poucos, as pessoas foram acordando, se levantando, acendendo fogo, saindo de suas casas.

Para surpresa de todos, o homem tinha morrido de frio, apesar das esteiras e do seu saber. Foi um espanto. Como é que a solução dada por Xangô não tinha funcionado? Logo ele, o Rei da Justiça? Onde estava a sabedoria do rei? Sabe como é gente: qualquer coisinha, lá se vai a confiança... Era preciso explicação. Resolveram consultar Xangô outra vez. Contaram a novidade ao rei e ficaram esperando a resposta. Xangô quis saber dos detalhes:

– Deram as esteiras a ele? O que ele fez com as esteiras?

Alguém explicou:

– Demos sim, as três, conforme foi ordenado. E ele estava deitado em cima das três esteiras, quando foi encontrado morto...

Xangô, então, explicou:

– Com uma esteira, ele tapava a porta. Com a outra, ele forrava o chão. A terceira era para ele se enrolar. Claro: junto a uma boa fogueira, feita com os próprios esforços dele.

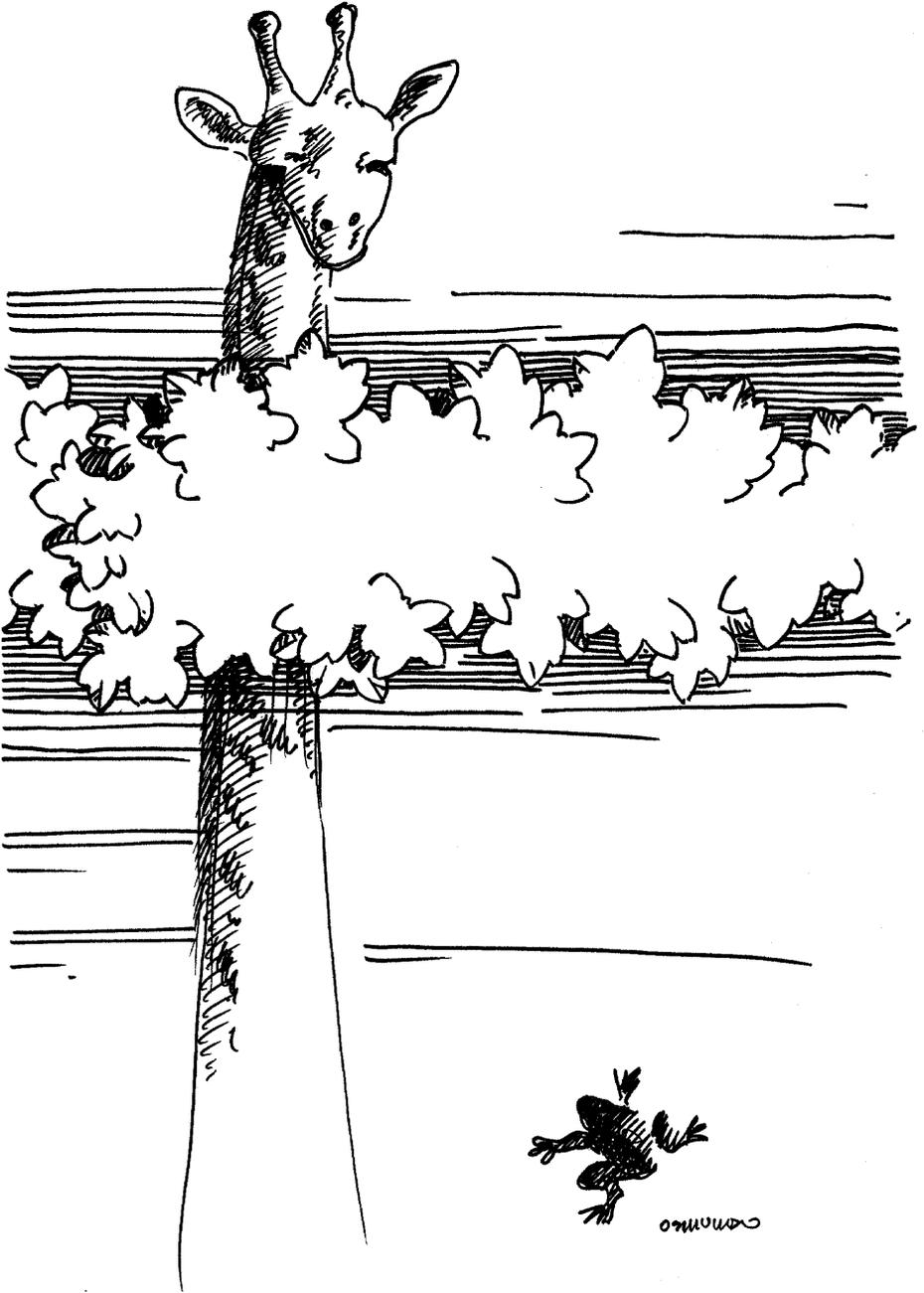
E indagou aos presentes:

– Ele fez isso?

Ficaram todos calados. Um deles se animou e disse que não.

Então, Xangô disse:

Tinha o saber, mas não tinha sabedoria. Esperava que lhe acudissem em tudo. **De nada vale o saber para quem não tem a sabedoria.**



ommmms

## O sapo invisível

Contavam os mais-velhos que a girafa estava cansada da mesmice de sua cidade. Queria andar, passear, conhecer gente nova, ver as novidades do mundo. Andava se queixando todo dia e a mãe dela sempre dizendo:

– É, minha filha, boa romaria faz quem em sua casa vive em paz. Também o povo diz: Pé que não anda não dá topada. Já outros afirmam: Pedra mudada não cria limo. Você mesma é quem deve descobrir qual é o melhor para você...

A girafa ficava ainda mais desapontada com as palavras da mãe. Terminou saindo uma tarde, para conversar com as amigas. Talvez, assim, se animasse um pouco mais. E a conversa foi boa. Ficou até sabendo que existia um bicho chamado sapo. Uma amiga sua tinha visto um, em terras distantes e ficou encantada. A amiga falou tanto sobre o sapo, que a girafa ficou morrendo de vontade de conhecer um.

Quando voltou para casa, já estava decidida: tinha de fazer uma consulta para se certificar das coisas. Pois bem. Na consulta, disseram a ela que fosse ver o sapo de perto. Afinal, agonia a gente mata de duas maneiras: ou deixa o motivo pra lá, ou faz dele a razão maior da existência. Criatura, só vendo

como a girafa saiu da consulta feliz da vida. Já em casa, a mãe ouviu os comentários em silêncio, principalmente porque a girafa já tinha se decidido viajar. Tinha de conhecer outras terras. Tinha de ver um sapo. Era demais: viver naquele lugar que nem sapo existia...

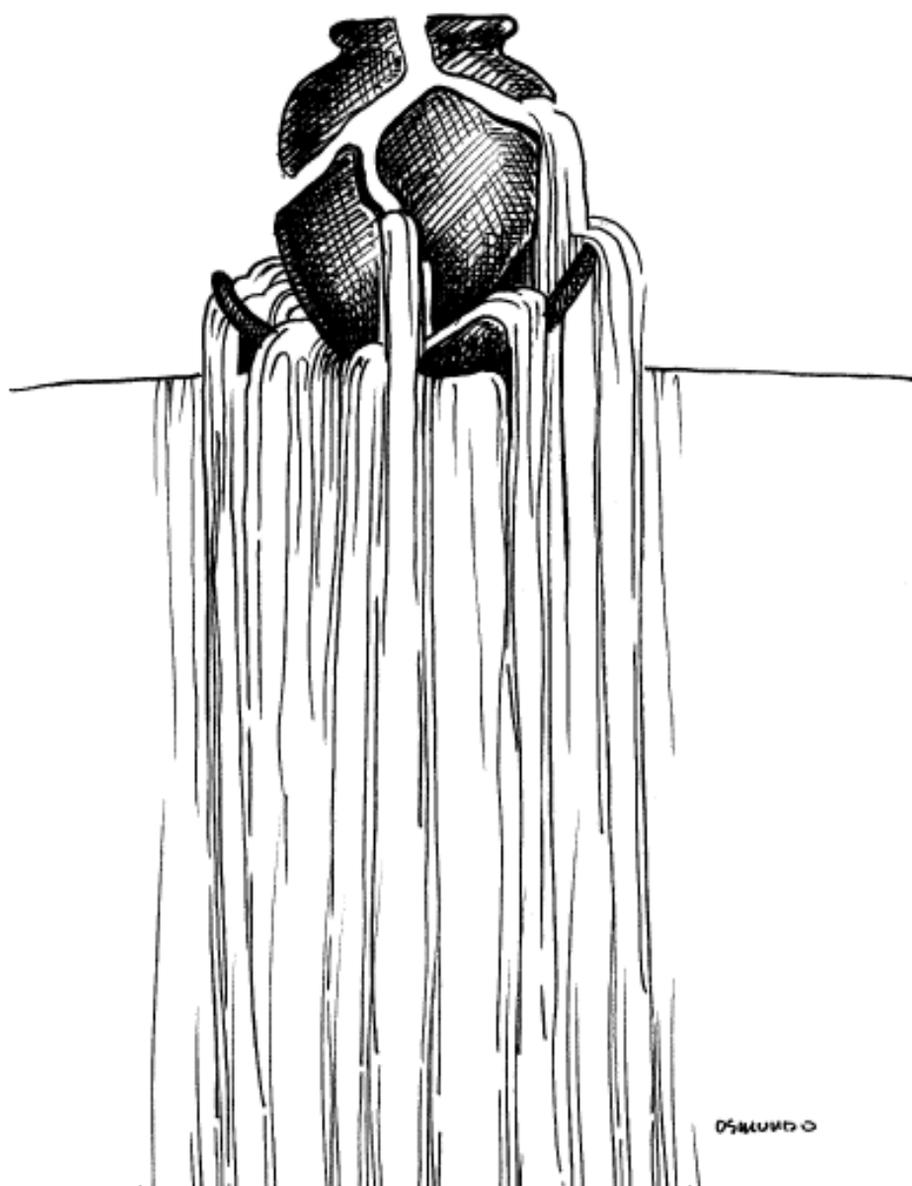
Na manhã seguinte, mal raiou o dia, a girafa pegou a sacola, se despediu da mãe e saiu pelo mundo. Andou muito, viu muitos lugares, conheceu muita gente, viu coisas do arco-da-velha. Sempre olhando para cima, em busca de topar com um sapo. E lá se foi ela pelo mundo. Pergunta aqui, pergunta ali, terminou sabendo pra que lados ficava a terra de sapo. Tocou para lá. Não ficou copa de árvore que a girafa não fizesse uma pesquisa, procurando sapo.

Depois de dias, nem unzinho ela tinha encontrado. Foi ficando triste, foi ficando triste, até que resolveu voltar para sua terra. O retorno foi doloroso, cheio de decepção. E ela chegou em casa, no maior desalento, pior do que antes de viajar. A mãe, coitada, vendo o estado em que a filha se encontrava, procurou animar uma conversa. Perguntou coisas, quis saber detalhes. Por fim, o assunto do sapo:

– E como foi isso? Você procurou bem procurado? Perguntou às pessoas?

– Procurei, mãe... Perguntei... E nada... Olhe, mãe, não ficou copa de árvore que eu não revirasse... Sapo deve ser um bicho invisível...

– Bicho invisível?! Copa de árvore?! Mas como, se o sapo só vive de cócoras, é bicho do chão e mora na lagoa? Filha, tem coisas que só são vistas, quando olhadas de perto e com muita atenção. Por isso, minha filha, aprenda: **Em terra de sapo, de cócoras com ele...**



## O segredo do pote

Olocun tinha uma filha meiga, maternal e extremamente dedicada. Era Iemanjá, a Mãe dos Filhos Peixes. Prometida a Olofim, Iemanjá casou-se com ele e foi-se em sua companhia, para as terras que ficam bem distantes do Aiocá. No dia do casamento, Olocun presenteou sua filha com um pote. Mas avisou, com uma voz de quem sabia das coisas:

– Filha, guarda bem este pote. Se algum dia, você cair num perigo grave, ou tiver uma extrema necessidade, não vacile: quebre este pote e você será imediatamente socorrida. Mas se lembre bem: só em último recurso...

Com o tempo, Olofim foi-se demonstrando ciumento, possessivo e dominador. A vida de Iemanjá ficou restrita apenas ao palácio real. Ninguém poderia lhe dirigir a palavra sem autorização expressa do marido. E quando ele saía para guerras de conquista, a mulher ficava trancada, em completo isolamento, até a sua volta. Foi então que Iemanjá sentiu necessidade de se libertar daquele cativo. A lembrança de seu tempo de liberdade, vivido no reino de Olocun, aumentava ainda mais a sua dor. Afinal, como é sabido, não há dor maior do que, no tempo do cativo, recordar-se da liberdade.

Pois bem: Iemanjá começou a pensar em fugir. Tentou algumas vezes em vão, mas parecia que Olofim adivinhava seus pensamentos e descobria a tempo qualquer coisa planejada. Um dia, Olofim voltou coberto de glória de uma de suas conquistas e ofereceu um grande banquete a centenas de convidados. Ele bebeu vinho de palma até se faltar e dormiu embriagado. Aproveitando-se disso, Iemanjá fugiu do palácio. Mas como não conhecia os caminhos do deserto, terminou se perdendo. E quando o dia amanheceu, ela nem sequer sabia onde estava. Nesse meio tempo, Olofim acordou, tomou conhecimento da fuga de Iemanjá e saiu à sua procura, com muitos soldados. Desta vez, ela ia voltar como uma prisioneira.

Quando Iemanjá avistou o exército do marido se aproximando, deu-se conta da tragédia que ia lhe acontecer. Foi então que ela se lembrou do presente que recebeu de Olocum, no dia do casamento. Abriu a bagagem e retirou o pote. E quando Olofim mandou os soldados amarrarem a esposa, ela palmeou o pote e arremessou no chão. E aí, deu-se o encanto: de repente, o Oceano se avolumou, invadiu a Terra e o deserto virou mar. Olofim e seu exército morreram afogados e Iemanjá reinou absoluta sobre todas as águas do oceano.

Os tiranos terminam sempre se afogando na sua própria tirania.



## O senhor de grande riqueza

Eram dezesseis irmãos, todos eles filhos de Ifá. Entre eles, havia um que era grande caçador. O nome dele era Obará. Pois bem: era um caçador muito pobre e simples, mas ele sabia que seu destino lhe reservava grandes riquezas. E era justamente por isso que ele não se abalava com nada. A pobreza não lhe doía e a vida simples que levava era até motivo de alegria. Enfim, ele vivia feliz consigo mesmo, com a vida e com os outros.

Um dia, seus irmãos se reuniram e foram visitar o pai, Ifá, o orixá da adivinhação. Resolveram não chamar Obará, porque consideravam ele um matuto ridículo. Sentiam até vergonha da companhia do irmão. Obará andava cheio de mochilas, arcos e flechas, cordas e essas coisas todas que os caçadores carregam consigo.

Os quinze irmãos queriam melhorar a sorte. Aproveitaram a visita ao pai e pediram a ele que fizesse uma consulta para saber como deveriam fazer a fim de melhorar a vida. Ifá recomendou que eles fizessem um ebó de grande força e segredo. Eles almoçaram com o pai, conversaram muito e depois se despediram.

Mas não é que eles terminaram se esquecendo do ebó?

Sabe como é... Essa gente assim faz tudo sem profundidade... Mas a Terra jurou a Deus que nada se fizesse que não se soubesse. A notícia terminou chegando aos ouvidos de Obará. Então, ele fez seu ebó por conta própria, conforme Ifá tinha recomendado aos outros irmãos.

Em um outro dia, os irmãos voltaram à casa de Ifá. Conforme sempre procediam, não convidaram Obará. Outra vez, fizeram consultas e Ifá, novamente, ofereceu um almoço a eles. Na saída, Ifá presenteou a cada um com uma abóbora e eles foram embora muito contentes. Na volta, resolveram passar pelo rancho de Obará, para uma visitinha rápida. Lá chegando, encontraram o irmão na labuta com as caças. Estiveram por ali, cada um puxando uma conversa, falando de coisas sem importância.

Na saída, o dono do rancho lhes ofereceu várias caças. Para retribuírem a gentileza, os irmãos lhe presentearam com as abóboras que receberam de Ifá. Todos se despediram e foram embora satisfeitos. Obará olhou aquele monte de abóboras e ficou pensando o que fazer com elas. Afinal, tinha sido um presente dos irmãos e ele não seria ingrato a tal ponto de ignorar o presente. Pensou em dividir com outros caçadores, seus amigos. E resolveu cozinhar uma delas.

Quando Obará partiu uma das abóboras, ela estava repleta de moedas de ouro e pedras preciosas. Partiu outra e mais outra e mais outra... Enfim as quinze abóboras continham uma imensa fortuna. Era a sabedoria de Ifá premiando o filho pobre, que era rejeitado pelos irmãos. A partir desse dia, Obará se tornou senhor de grande riqueza como estava traçado no seu destino. **A quem Deus promete riqueza não oferece migalha depois.**





## DEPOIS DE TER CONTADO

Acabei. Gostou? Você agora pode até me fazer uma pergunta:

– Mas o que é mesmo um itan?

Pois muitos afro-descendentes poderão lhe responder assim:

- Itan é uma história, qualquer história; um conto.

Mas alguém pode completar a informação, dizendo:

– De um modo muito específico, itans são histórias do sistema nagô de consultas às divindades. Havia, e ainda há, muitas pessoas dedicadas, em sua vida inteira, à aprendizagem dos mistérios e da prática da adivinhação e do contato com os seres divinos, no meio do povo nagô.

Você pode até fazer outra pergunta:

– E como é que isso acontece?

Eu respondo. Antigamente, isso apenas acontecia através de um sacerdote adivinho, chamado babalaô. Ele fazia a consulta a um orixá, chamado Orumilá Babá Ifá, por meio de um objeto ritual, conhecido pelo nome de Opelé Ifá ou, simplesmente, Ifá. É uma espécie de rosário aberto, mais ou menos em forma de corrente, contendo quatro metades do coco de dendezeiro de cada lado. Mas também eu não vou contar aqui

como se faz a consulta, não é? Isso é para quem quer se dedicar de corpo e alma a tal conhecimento. Mesmo, de que adianta você saber de todos os procedimentos, se você não vai ser um babalaô? E ainda que você conheça todos os procedimentos, isso não faz uma pessoa tornar-se babalaô. Por trás disso, existe uma postura, uma rede de conhecimentos próprios da tradição nagô. Lembra-se do itan *O saber e a sabedoria*?

Há umas coisinhas, porém, que qualquer investigador pode saber. Vou lhe dizer algumas. O povo nagô acreditava (e os afro-descendentes continuam ainda acreditando) na possibilidade de comunicação entre os humanos e os seres divinos, os orixás. Uma dessas possibilidades acontece por meio do opelé e o babalaô sabe como fazer isso. Ele domina um conhecimento muito específico. É um especialista, portanto. Além do instrumento, o opelé, também há um conjunto de dezesseis sinais, chamados odu. Cada sinal, chamado de odu, é como se fosse o volume de um livro. Cada odu indica um *caminho* a seguir. Mas esse caminho é mostrado através de um número considerável de histórias. E essas histórias são os itans.

Os babalaôs sabem todas essas histórias de cor. E tem mais: tudo isso, antigamente, era aprendido e ensinado apenas através da fala, porque o povo nagô não conhecia a escrita. O babalaô via o sinal, rememorava todas as histórias que compunham aquele odu e, entre todas, selecionava apenas uma, que era perfeitamente adequada para responder à pergunta que a pessoa tinha feito. E são tantas as histórias, que os babalaôs faziam encontros anuais para trocar experiências entre si, atualizar o repertório.

A importância da história era, e ainda é, justamente, a de mostrar de que maneira, em um tempo muito antigo, o mesmo problema que motivou a consulta tinha sido resolvido. Essas histórias tinham sido vividas por pessoas, por bichos, por plantas ou por divindades e são narradas com muita poesia e

simplicidade. A estrutura das histórias é interessante: o fato narrado, um ritual recomendado e a interpretação do babalaô. O itan, então, é uma espécie de lenda para ser contada (e às vezes, narrada de modo cantado) pelos babalaôs e expressa a fala de Orumilá Babá Ifá, o Orixá do Destino, da adivinhação.

Acontece que a fala de Ifá é muito simples. Afinal, a simplicidade é o último degrau da sabedoria. Mas se o adivinho, isto é, o babalaô, não tiver um bom preparo, um conhecimento suficiente, ele pode até selecionar uma história errada. E se ele fizer a recomendação errada, aí, então, bota a perder tudo o que seu consulente queria alcançar. A interpretação, nem se fala. Quando nós conversamos, até mesmo dentro de nossa casa, uma pessoa diz uma coisa e outra pode entender outra. Na consulta ao Ifá, também existe risco semelhante. Se o babalaô se descuidar, pode acontecer um engano terrível. E para agravar, a fala de Ifá é uma parábola, isto é, uma narração que mostra uma coisa para dar idéia de outra. Além disso, os seus elementos lembram outra realidade de ordem superior. Cabe ao babalaô interpretar a parábola. Por isso, o itan é uma explicação, sob forma de história, de como um problema semelhante foi resolvido num passado muito, muito distante mesmo.

Um itan encerra lições de vida, de conhecimento, de sabedoria, de experiência. É por isso que existe um número incontável de itans, pois as dúvidas dos humanos são incontáveis também. Então, você está vendo que um itan é mesmo um exemplo. Por isso, muitos dizem: é uma história-exemplo. Isso se baseia na crença de que o passado se repete no presente, que é o mesmo entendimento contido na frase bíblica, tão conhecida: *Não há nada novo debaixo dos céus.*

A escrita não fazia parte da vida do povo nagô. Para ser babalaô, então, o homem tinha de ter uma memória privilegiada. Mulher não podia ser babalaô: era uma função exclusivamente exercida pelos homens. Cabia à mulher o papel de es-

posa ou ajudante do babalaô. Na maioria dos casos, ela exercia os dois papéis. Normalmente, eram mulheres dedicadas ao culto de Oxum, a divindade que sabia o segredo do jogo de búzios. Por isso mesmo, elas também podiam consultar o jogo de búzios, que não era, assim, de uso exclusivo do babalaô, tal qual acontecia com o opelé.

Esse jogo era, e ainda é, constituído por um conjunto de dezesseis búzios quebrados numa de suas faces. Então, o búzio passa a conter dois lados: um aberto e outro fechado. E ao serem jogados numa mesa para tal fim, os búzios formam um conjunto de tantos abertos e tantos fechados. É esse conjunto que é lido e interpretado. Interessante é notar que a interpretação se baseia nos mesmos odus de Ifá. Estava criada, então, a possibilidade de uma substituição do jogo do opelé pelo jogo de búzios, conforme aconteceu no Brasil. Mas vamos com calma...

Você ainda poderá até fazer uma outra pergunta:

– Mas o que tem isso a ver com as histórias que acabei de ler neste livro?

Vamos ver se eu consigo explicar. Quando os negros foram trazidos da África para o Brasil pelo sistema de escravidão, trouxeram consigo também um conhecimento amplo. Afinal, todos os povos, de todas as épocas, de todos os lugares, construíram uma rede de conhecimentos e experiências, própria e particular, a que nós denominamos de cultura. Entre os vários povos africanos que foram trazidos à força para serem escravos no Brasil, veio também muita gente nagô, homens e mulheres, jovens e adultos. Em sua terra de origem, essas pessoas eram reis, rainhas, príncipes, princesas, ministros, nobres, plebeus, caçadores, sacerdotes, sacerdotisas, artistas. Enfim, exerciam um sem número de atividades e papéis, tão próprios das sociedades livres.

O conhecimento que o nagô construiu na África, através dos séculos, lhe permitiu sustentar as relações entre as pessoas e possibilitou uma compreensão do universo e da vida muito

particulares. Mas esse modo de se relacionar e essa compreensão eram totalmente diferentes da cultura da Europa. Aqui, no Brasil, os negros foram discriminados e isolados e lhes foi negado o acesso aos bens e serviços da cultura dominante. Tendo os seus direitos humanos negados, os escravos e seus descendentes criaram várias formas de salvaguardar seu conhecimento, resistindo à opressão dos dominantes. Uma delas foi transformar certos princípios em segredo religioso.

A construção do espaço dos terreiros de candomblé, considerado pelo povo-de-santo como espaço do sagrado, foi uma outra forma. E ali, os fiéis, adeptos e simpatizantes passaram a exercer uma prática que, para os de fora, baseava-se no sincretismo. Para os afro-descendentes, no entanto, a verdade sempre foi outra. O sincretismo sempre foi apenas uma faixa. Era por isso, por exemplo, que não bastava a missa ou a procissão para Santo Antônio. Era necessário que houvesse também a roda de candomblé no terreiro, para receber Ogum, o orixá da demanda, da batalha, da peleja, o dono do ferro, aquele que abre os caminhos. Pouco importava se os de fora pensassem que a roda era uma homenagem a Santo Antônio. E até mesmo era conveniente que continuassem a pensar assim. E o povo de terreiro manteve, para com os de fora, a ilusão do sincretismo, como uma defesa contra o preconceito.

A forma funcionou tão bem que os quinhentos anos de rejeição não foram suficientes para apagar a força da cultura dos afro-descendentes. Assim, os valores religiosos da cultura nagô sobreviveram também no Brasil. Isso se deve em grande parte ao fato de os negros nagôs não separarem a vida cotidiana das práticas de re-ligação com o divino. Também, nesse aspecto, eles sempre foram muito diferentes da população colonial, de origem européia. Assim, os afro-descendentes conservaram, no Brasil, os inúmeros fenômenos da cultura nagô trazidos da África. Exemplo disso é o sistema de adivinhação, de

leitura do destino, de consulta às divindades, que era de importância fundamental. Isso foi uma decorrência natural da prática de vida exercida por eles, que sempre se baseou na convivência íntima com as suas divindades. Daí, a necessidade de sempre procurar saber, através da consulta, quais as ordens, conselhos, exigências, explicações e orientações dos seres considerados divinos.

O sistema de escravidão brasileiro negou-se a reconhecer os valores das várias culturas africanas, principalmente os valores religiosos. Então, muitos dos costumes não sobreviveram. Assim, também desapareceu a função de babalaô, o sacerdote do culto a Orumilá Babá Ifá, aquele que sabia jogar o opelé e ler o futuro. Esse foi um dos motivos que fizeram o jogo de búzios substituir o jogo do opelé de Ifá e, aos poucos, alcançar popularidade, conforme acontece nos dias de hoje. Então, os itans, na condição de textos considerados sagrados, foram caindo em desuso. Mas na África, a história teve um rumo completamente diferente e os itans continuaram sendo utilizados e continuam sendo, até hoje, atualizados pelos babalaôs. Lá, eles não desapareceram e continuam exercendo um papel importante para as comunidades.

No Brasil, aconteceu uma coisa interessante: o itan passou por um *desgrudamento*. Quer dizer: na medida em que ele foi deixando de ser utilizado como texto sagrado pelos babalaôs, também foi passando a ser contado, principalmente, como uma história-exemplo, fora do momento exclusivo da consulta. Já não era mais necessário interpretar a história, nem fornecer a receita para um ritual religioso, isto é, um ebó para resolver a situação. Assim, os mais-velhos começaram a divertir a criança-da, contando, narrando, cantando histórias de gente, de bichos, de plantas, de orixás, que encerravam princípios éticos e morais.

Isso, naturalmente, começou a acontecer na própria senzala, onde todas as origens e culturas negras trazidas para o

Brasil se misturavam. Do interior da senzala, as histórias chegaram ao terreiro da casa-grande dos engenhos. Daí aos alpendres e varandas, à cozinha, ao quarto de dormir, ao berço. A interpretação e a recomendação de um ritual foram deixadas de lado. Enquanto isso, foi-se dando ênfase ao princípio ético ou moral. E aos poucos, esse ensinamento foi tomando forma, até mesmo nos itans em que isso não era tão evidente assim. E com essa nova forma, lá se foram os itans, de boca a ouvido, ganhando terreno.

O itan, desse modo, assumiu uma feição mais universal, pois contar histórias para ensinar princípios éticos e morais é próprio da cultura da maioria dos povos. Quer ver uma coisa? Vá lá, na Bíblia... O que tem de histórias desse tipo nos Evangelhos... Entre muitas, vou lembrar uma a você:

## O PAGAMENTO DOS TRABALHADORES

*Um fazendeiro levantou bem cedinho, para contratar trabalhadores. Contratou alguns, combinou com eles o preço de dez reais por dia e mandou que eles fossem para a roça. Isso era por volta de seis horas da manhã. Quando deu nove horas, ele tornou a sair e viu uns homens desempregados, batendo papo na praça. Se aproximou deles e disse assim:*

*– Eu tenho trabalho para vocês e pago um preço bom.*

*Os homens foram pra roça e o fazendeiro foi pra casa. Mas por volta do meio-dia, ele saiu de novo e contratou outros homens. O mesmo aconteceu lá pelas três horas da tarde. Como se não bastasse, ele saiu outra vez, às cinco horas e encontrou mais outros homens que estavam na praça sem fazer nada. O fazendeiro perguntou a eles:*

*– Por que vocês estão aí, o dia inteiro desocupados?*

*Então, os homens disseram:*

*– Por que a gente não achou serviço.*

*E o fazendeiro nem pestanejou. Foi logo dizendo:*

*– Vão vocês também trabalhar na minha roça.*

*Quando já estava anoitecendo, o fazendeiro disse ao seu administrador:*

*– Chame os trabalhadores e pague uma diária para todos. Comece pelos últimos e termine pelos primeiros.*

*Chegaram primeiro os que tinham sido contratados já no final da tarde e cada um recebeu dez reais. Por fim, chegaram os que foram contratados no comecinho da manhã. Eles pensavam que iam receber mais. Mas cada um deles recebeu também dez reais. Quando receberam o pagamento, começaram a resmungar contra o fazendeiro e disseram:*

*– Esses últimos trabalharam apenas uma hora e o senhor pagou a mesma coisa que pagou pra gente. A gente deu um duro danado, o dia inteiro, debaixo do sol, num calor de matar...*

*Aí, o fazendeiro disse assim:*

*– Ô gente, eu não fui injusto com vocês. Não combinamos dez reais a diária? Pois então? Não foi isso que eu paguei a vocês? Tomem o dinheiro que vocês ganharam e vão embora pra casa. Mas eu quero pagar a esses últimos o mesmo que paguei a vocês. Por acaso não tenho o direito de fazer o que eu quiser com o meu dinheiro? Ou vocês estão com inveja porque eu estou sendo generoso?*

*Pois é... Os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos. (Mateus: 20, 1-16)*

Pois é, digo eu... Esse e outros itans narrados nos Evangelhos correram, e ainda correm, de boca em boca, entre a humanidade. No Brasil, também são considerados portadores

de verdades e essa crença faz parte da cultura dominante. Mas os outros itans, os dos afro-descendentes, do povo de terreiro, foram taxados de “coisas de bruxaria”, “coisas do demônio”. E agora, com essa onda de certas seitas que rodam por aí, os preconceitos estão cada vez mais sendo cultuados. Isso não deixa de ser preocupante, pois foi assim que foram acesas as fogueiras da Inquisição na Idade Média. É preciso não esquecer: existem grupos que, de tempos em tempos, acendem suas fogueiras. Alguns, para se aquecer e outros, para se comunicar. Mas também existem aqueles que acendem fogueiras para queimar o outro que pensa diferente.

E ainda tem mais uma coisa: é a questão da oralidade em relação à construção do conhecimento oficial. A cultura ocidental tem sido construída através dos caminhos da exclusividade escrita. Então, o mecanismo tem funcionado assim: se é coisa escrita tem valor; se é coisa falada, dizem até que o vento carrega as palavras. Por isso, na nossa nação, o pensamento escrito sempre teve força sobre o pensamento falado. A palavra falada ficou, então, sendo usada para assuntos não oficiais, considerados não tão legítimos. Mesmo, a Ciência sempre rejeitou a oralidade. E aí, as coisas orais podem até ser consideradas bonitas, lindas, mas não são levadas a sério.

Veja o tanto de mal que o preconceito pode fazer. Foi por isso que os itans dos afro-descendentes nunca foram contados na escola. Ultrapassar essa barreira de preconceito custa muito. Ora, se um valor não é levado em consideração, o grupo social que o cultiva também recebe o mesmo tratamento e vice-versa. E lá vamos nós escrevendo. Mas não é justamente isso que eu estou fazendo agora? É porque não posso e não devo esquecer do itan sobre *O sapo invisível*. Tanto eu quanto você já sabemos: *Na terra de sapo, de cócoras com ele*.

Mas vamos voltar à nossa conversa sobre o que aconteceu com os itans, no Brasil. Com o surgimento dos terreiros de

candomblé, a consulta através do jogo de búzios foi se firmando como uma prática. Essa prática terminou por ser também reconhecida por muitas pessoas que não fazem parte das comunidades de terreiro. Mas vale a pena lembrar que pessoas ligadas aos terreiros, normalmente, têm uma forma de viver baseada nos mitos. E o itan é a forma mais expressiva para narrar a mítica do povo-de-santo.

Mais tarde, muito mais tarde mesmo, apareceram os estudiosos, os sociólogos, os antropólogos, isto é, o povo da ciência, e começaram a futucar as coisas. Busca daqui, busca dali e foram achando os itans nos terreiros de candomblé mais antigos da tradição nagô, nos cadernos de anotações de alguns iniciados já idosos, na tradição oral recolhida entre o povo-de-santo. Foram à África, compararam os achados de lá com os daqui. E aí, terminaram publicando, em livros, um número cada vez maior de itans recuperados.

Por falar nisso, me lembrei agora de uma história:

## O ENGANO DO AMENDOIM

*Contavam os mais velhos que o pé de amendoim não andava nada satisfeito com a vida. Aquele negócio de ele botar somente apenas na raiz, sem ninguém poder ver o quanto ele era farto, deixava ele nervoso, aborrecido, contrariado. E ainda tinha mais uma coisa: sua ramagem era pequena, quase nem era notada. Logo ele, cujas sementes serviam para preparar um delicioso prato para Oxóssi, o Grande Caçador... E os homens mais idosos, ou os sem tenência, então... Esses eram os mais beneficiados, quando comiam suas sementes. Com tanta energia para oferecer aos humanos e estava ele ali, com uma ramagem sem expressão e as sementes escondidas debaixo da terra. E quando os humanos faziam a colheita, meti-*

*am a mão nas suas intimidades, arrancavam suas vagens e simplesmente deixavam suas ramas para secar em cima da terra. Ah, era demais!*

*Seu vizinho, o pé de feijão, lhe aconselhou fazer uma consulta. Assim fez o pé de amendoim. Disseram a ele que bem seria melhor se ele prestasse atenção nas suas raízes. Era próprio dele o axé correr todo para baixo. Era assim que sua raiz podia sustentar tudo e produzir sementes. Mas em todo caso, logo que ele queria inverter as coisas, juntasse as ramas secas da última safra e se alimentasse com elas. E quando chegasse o tempo de enramar, fosse botando brotos, brotos e mais brotos e aguardasse o resultado.*

*E assim fez o pé de amendoim. Então, aconteceu a maravilha: ele botou tanta rama, mas tanta rama, que invadiu os quintais, os outros pés de planta, as cercas, os telhados, tudo. E o povo ficou admirado com aquilo. O pé de amendoim se transformou na mais feliz das plantas. Nem cabia em si de tanta alegria: era motivo para olhares, elogios e até mesmo invejas e ciumadas.*

*Pois bem. Chegou o tão esperado tempo da colheita. Acontece que a Natureza não lhe concedeu a capacidade de botar sementes na rama. E aí foi aquele desconforto. Não acharam nenhuma semente nem nas suas ramas, nem na sua raiz. E que fez o povo? Passou a não dar a menor atenção ao pé de amendoim. Ao contrário, ele foi considerado um incômodo. Aquelas ramas, sem serventia para nada, deviam ser cortadas e queimadas. Afinal, havia plantas produtivas precisando de espaço.*

*Nem é preciso dizer: o pé de amendoim entrou em outra crise, pior do que a primeira. Noites sem dormir, dias sem comer, queixas aos vizinhos, todo jururu, numa lamentação que fazia dó. E lá se foi ele fazer nova consulta. Quando voltou de lá, tinha uma nova decisão: ia deixar esse negócio de ramas para*

*lá e dar toda atenção às suas raízes. De que adiantava tanta rama bonita se a serventia dele estava na raiz? Afinal, a aparência, mesmo bonita, não substitui a essência.*

Pois é. Olhe aí mais um itan acrescentado... Acrescentar mais um é uma marca de quem vive uma existência nagô. É um povo que deixa sempre um ponto de abertura, pois acredita que o Universo é um conjunto aberto. Aí, eu me lembro de uma coisa interessante. Vou contar para você. Os antigos nagôs, mas aqueles de um tempo muito antigo mesmo, usavam um sistema de contar baseado no número de dedos das mãos e dos pés. E você sabe: os humanos têm vinte dedos (embora eu tivesse conhecido Seu Antônio Pisunha, que tinha vinte e um). Aquilo que passasse de vinte era tido como numeroso, enorme, muito grande. E se chegasse a vinte vezes vinte, seria um número infinito. E aí, para conservarem esse infinito também aberto, acrescentavam mais uma unidade e chegavam ao número 401. Isso significava uma quantidade que não podia ser calculada nunca. Por isso, eles diziam, e os modernos ainda dizem, que existem 400 divindades (os Irumalés) da direita e 200 da esquerda. A esse total de divindades, tanto da direita quanto da esquerda, acrescentavam mais uma unidade. Assim, o número 401 era considerado como infinito, naqueles tempos. É divindade que não acaba nunca mais... Você já notou que o brasileiro, até hoje, tem um costume de dizer “Tenho 1.001 coisas para fazer”? Olhe o acréscimo de mais um aí, também... Pois é: um jeitinho nagô de falar.

Então eu fiz o mesmo. Elaborei um universo com um número determinado de vinte e cinco histórias. Ficou um mundo fechado. De repente, acrescentei mais uma, *O engano do amendoim*, e o universo que eu criei se abriu. Mas você tinha notado que estava faltando um itan sobre planta? Pois é. Nada acontece por acaso.

Mas vamos voltar à nossa conversa anterior, sobre os itans de Ifá recuperados pelos estudiosos, pesquisadores e religiosos dos tempos de agora. Pois bem. Os textos recuperados, no entanto, são os itan de Ifá, utilizados pelos babalaôs. Não são os itans que eu acabei de contar. Esses que eu contei são originados dos textos sagrados, sim. Mas vieram das senzalas, dos terreiros das casas-grandes, das mães-pretas, dos pretos-velhos e também foram preservados dentro dos terreiros de candomblé. E esse modelo se tornou tão forte que terminou também incluindo histórias de outras origens, tais como as histórias trazidas pelos escravos de Angola e do Congo e até mesmo de outras origens africanas. Foi até mais forte, a ponto de englobar também histórias de origem européia e tantas outras criadas pelos próprios brasileiros. A forma de contar, agora, se centrava na lição a ensinar e num modo africano-brasileiro de narrar, no qual os valores do povo-de-santo e a oralidade continuavam sendo uma profunda marca de identificação.

São histórias para ensinar e aprender, mas sempre estiveram ausentes da sala de aula da escola tradicional. Faziam parte, e ainda fazem, de um sistema de ensino paralelo. Não servem de veículo ao ensino das matérias ou disciplinas curriculares, mas ensinam a vida. Esses, sim, são os itans desse meu livro, *A Fala do Santo*, sobre os quais também me debrucei nos meus estudos. Isso eu tenho feito no Kàwé, onde desenvolvo pesquisas sobre o quarto de consulta, que é o lugar onde o pai ou a mãe-de-santo atende às pessoas. Esse espaço não é um quarto qualquer: é um lugar destinado a ouvir quem queira se consultar e enviar suas perguntas aos orixás. Na consulta com o opelé, a pergunta era feita a Orumilá Babá Ifá, apenas pelo babalaô. Agora, no jogo de búzios, pode ser feita a qualquer orixá, tanto por homens quanto por mulheres que ocupam o posto mais alto na hierarquia do terreiro. Como podemos ver, aconteceu uma considerável democratização no sistema.

A consulta feita através do jogo de búzios revela a *fala do santo*, isto é, a resposta do orixá. E isso tem a ver com uma linguagem muito específica, ligada à linguagem dos odus de Ifá. As histórias, isto é, os itans, fazem parte dessa linguagem. São contadas constantemente, no quarto de consulta, para servirem como exemplo da possibilidade de resolver a situação exposta por quem se consulta. O olhador, isto é, a pessoa que maneja os búzios, lê a resposta e interpreta a *fala do santo*. O itan é contado, ou não, a depender da pergunta feita e das intenções de quem perguntou. Depois, o pai ou mãe-de-santo sugere, indica, recomenda, aconselha possibilidades de solução. Essas histórias narradas no quarto de consulta também correm de boca em boca, entre o povo-de-santo. E isso acontece nas situações do dia-a-dia, a serviço do ensino e da aprendizagem de princípios éticos e morais. Há muito tempo, elas viraram patrimônio da nossa cultura afro-descendente. E os itans são chamados simplesmente de histórias. Então, é muito comum ouvir coisas do tipo:

– Você conhece a história de Oiá que fala que ela se transformava em búfalo?

Esse é um jeito nagô, criado no Brasil, suprindo a ausência do babalaô, que desapareceu nas novas comunidades então formadas.

Se esse é um tempo também da escrita, eu aproveito estar nesse tempo e dou feição escrita a esses outros itans. Afinal, eles se constituem a grande herança de um modo oral de ensinar e aprender, com diversão. Herança que também a senzala e o terreiro da casa-grande dos engenhos nos deixaram. E lá vou eu, trabalhando a linguagem. Em alguns deles, passei da frase ladainha do sistema original, para a frase narrativa mais elaborada. Armo diálogos, lanço mão de construções típicas da oralidade nordestina. Afinal, esse é meu patrimônio lingüístico. É claro que é preciso considerar as questões de linguagem, no

tempo e no espaço. Por isso mesmo, faço atualizações. E aí, cruzo caminhos que os ortodoxos consideram oponentes: uma linguagem baseada na oralidade para registrar resultados de pesquisa acadêmica. E não é só isso: acrescentei também uma pitada de criatividade literária. Tem gente que vai invocar os *Irumalés da Esquerda...* Paciência.

E o que quero com isso? Primeiro, também recuperar esses itans, para que não se percam, pois são patrimônio da cultura oral brasileira. Depois, é necessário que se saiba: no Brasil, existem esses itans, além daqueles outros que compõem os odus de Ifá. É bem verdade que os odus de Ifá são textos poéticos, considerados sagrados. Ou como dizem os estudiosos, são mitos que explicam o conjunto de divindades, cujo culto forma o sistema religioso do povo nagô. Mas os itans para ensinar e aprender ficaram sem merecer um olhar mais atencioso. Talvez porque eles se parecem muito com o que a população costuma chamar de *causos*. Ou talvez até porque nem foram vistos. Ou se foram, a maioria dos pesquisadores não prestou a devida atenção neles. Mesmo, é preciso reconhecer os méritos de um povo que foi obrigado a atravessar o Atlântico, acorrentado em porões de veleiros. E muito mais que isso: contribuiu para formar uma nova nação, um novo povo. No percurso desta construção, esse mesmo povo negro e seus descendentes resistiram para salvaguardar crença, religião, saber e visão particular do universo e da vida. Graças a esse espírito de resistência, grande parte do patrimônio cultural trazido da África pelos escravos foi conservado. Mas também esse patrimônio se transformou, criando novas linguagens, novas formas de expressão. E é justamente sobre uma dessas *novas linguagens*, isto é, uma recriação dos afro-descendentes no Brasil, que eu me debruço aqui.

Se os itans dos odus de Ifá foram preservados aqui e ali e se estão sendo recuperados pelo trabalho de pesquisadores e religiosos, isto é simplesmente maravilhoso. Mas também é

muito importante reconhecer aquilo que o povo negro e seus descendentes, baseados num modo nagô de existir, conseguiram recriar no Brasil. Essa recriação se constitui uma das marcas profundas que fazem o povo brasileiro ser único na face da Terra. E é uma pena que processos de rejeição ainda impeçam que muitos brasileiros aceitem plenamente a beleza de sua ancestralidade africana, de sua afro-descendência e de assumir o que é legitimamente seu. Mas há um tempo para tudo debaixo dos céus.

Essas questões todas, que eu pensei e senti para escrever este livro, chegam a um ponto que eu considero maior. É parecido com um rio e seus afluentes, que terminam todos no mar: um mar onde todas as coisas se juntam. Mas de que coisas estou falando? Pois eu lhe digo: do espaço público e do espaço privado; da ciência e do saber comum; da escola e da rua; do escrito e do oral; da literatura e do escrito do povo; do europeu e do nagô; do católico e do povo-de-santo; da pesquisa acadêmica e da informação popular; do projeto genoma e do quarto-de-consulta... Separar essas coisas, privilegiando uma e discriminando outra, é criar uma cultura esquizofrênica.

A Ciência e a Academia sempre deram importância apenas ao intelecto. É claro que a Razão é uma faca afiada para a construção do conhecimento. Mas ela sozinha não consegue responder a todos os anseios da alma humana. Por isso mesmo, é preciso dar valor também à Intuição, ao Sentimento e à Sensação, nessa luta que a gente tem para se tornar inteiro. Mesmo, a divisão do saber em pedaços, os que prestam e os que não prestam, também gera uma sociedade doentia, repleta de violência, preconceito e injustiça.

É por isso que procuro juntar aqui o que pareceu sempre, na compreensão de muita gente que se diz sabida, coisas que não poderiam ser juntadas. Podem ser juntadas, sim! E mais que isso: devem ser juntadas. Afinal, basta lembrar a sabedoria

da Natureza. É juntando tudo que a beleza da Vida se faz. Para isso, basta que tudo seja respeitado e reconhecido no seu real valor. Mas para a gente fazer isso, é preciso, antes de tudo, tentar compreender e aceitar algumas coisas. Por exemplo: a sabedoria é a maior riqueza que se pode construir nesse mundo. Ainda: as coisas nem sempre são aquilo que parecem ser. Também: de nada vale o saber para quem não tem sabedoria. E por aí vai...

Bem... Aqui está uma pequena amostra dos itans que são contados nos terreiros, na roda dos mais-velhos, no quarto de consulta. Também são itans que meus mais-velhos me contaram para que eu aprendesse a vida. E eu não queria cometer o crime de levar de volta comigo esse patrimônio sem distribuir com quem bem merece: VOCÊ.

Ainda tem mais uma coisinha só: informar onde você poderá ler mais alguma coisa sobre essas questões. Não vou falar aqui dos estrangeiros, nem dos livros mais antigos. Primeiro, porque livro está pela hora da morte. Se os nacionais são caros, imagine os estrangeiros... Depois, o pessoal que anda escrevendo presentemente já assumiu e assimilou as informações que existem nos livros de antigamente, com muitas informações acrescentadas. Então, me acompanhe num breve passeio, em que eu vou me lembrando informalmente de alguns autores. Uns são famosos, outros são populares e outros mais apenas conhecidos em alguns meios. Mas todos merecem ser lembrados por sua dedicação e pelo conhecimento que demonstram possuir. É preciso juntar tudo. Lembra disso? E pelo amor de Deus, os que não forem lembrados agora queiram me perdoar. Já estou beirando os sessenta e, de vez em quando, olhe o esquecimento aí... Mesmo, sou cabeça de Oxalá e, por isso, acredito: o que não acontece hoje acontecerá amanhã. Quem cá ficar verá. Ou ainda: quem *kafkar* verá...

Ah, sim, criatura! Todo livro tem sua arqueologia. Tam-

bém foi com base nos princípios que norteiam os escritos sobre *A Fala do Santo* que Consuelo Oliveira, Marialda Silveira e eu nos reunimos para criar o Kàwé, com o propósito de divulgar e discutir a cultura afro-brasileira. Consuelo escreveu *A Dimensão Pedagógica do Mito* e Marialda, *A Educação pelo Silêncio*, resultantes de seus trabalhos em cursos de Mestrado. E quando solicitei a elas que escrevessem a *Apresentação* deste livro, Consuelo não mediu distância: viajou de Barcelona a Madri, para encontrar-se com Marialda e, juntas, lerem os meus originais. O resultado foi um conjunto de preciosas sugestões e aquela carta tão repleta de sensibilidade: *A Fala do Outro*. Formar grupo de pesquisa também pode dar nisso: construir amizade sincera e fraterna. E nos dizeres de Jorge Amado, “a amizade é o sal da vida.”

Mas vamos ao que prometi:

AGENOR MIRANDA ROCHA. Oluô respeitabilíssimo, com mais de oitenta anos de iniciado. Desde 1928, tinha consigo anotações sobre odus de Ifá que aprendeu com a famosa Mãe Aninha, fundadora do Opô Afonjá. Essas anotações foram revistas por ele mesmo, setenta anos depois. Reginaldo Prandi organizou e apresentou o material e o livro foi publicado pela Editora Pallas, em 1999, com o nome *Caminhos de Odu*. Vale a pena a gente ler este belíssimo livro. Muito interessante mesmo: demonstra saber, persistência e fidelidade de uma existência inteira.

ANTÔNIO OLINTO. Homem sabido, viajado, escritor e iniciado no candomblé. Foi adido cultural do Brasil na Nigéria. Tem vários livros publicados. *A Casa da Água* e *O Rei de Keto* são dois romances seus de uma beleza sem igual. Do primeiro, há uma terceira edição de 1978, publicada pela Difel. O segundo é de 1980, publicado pela Editorial Nórdica. Esses

dois romances se constituem, sob forma de romance, uma maravilhosa vitrine do pensamento nagô. Você terá oportunidade de perceber, através da leitura atenta, quanta coisa existe no Brasil que se constitui herança da cultura do povo nagô. Coisas que as pessoas dizem, fazem, usam, pensam e vivem e nem sequer desconfiam que estão simplesmente pondo em prática uma vivência nagô.

FERNANDO CORREIA DA SILVA. Um livro gostoso de se ler, o de Fernando, *Contos Africanos*. Bem verdade, não se trata de uma obra sobre itans, Ifá, terreiros, nada disso. É uma belíssima reunião de contos organizada e prefaciada pelo autor. Sua importância se deve ao fato de que, através de histórias recolhidas dos mais diversos povos da África, essa antologia oferece um painel muito largo do pensamento africano, de um modo geral. E isso é muito importante para que se possa entender certas características da nossa afro-descendência. É uma publicação das Edições de Ouro, sem data. Leia, você vai gostar.

JUANA ELBEIN DOS SANTOS. De nacionalidade argentina, há muito tempo adotou o Brasil como sua segunda terra. Andada por muitos países, pesquisadora incansável, sabida e dedicada. Tudo o que ela faz leva a marca da paixão e da profundidade. Tem inúmeros escritos publicados no Brasil e no exterior. Sua obra mais famosa é *Os Nagô e a Morte*, resultante do doutoramento em Etnologia, na Sorbone, em 1972. Há uma nona edição de 1998, pela Editora Vozes. Esse livro exige muito amadurecimento e uma boa dose de informações prévias por parte do leitor. Não é uma leitura para distração. Ela examina com muita propriedade como os mecanismos rituais do povo nagô foram elaborados no Brasil, comparando com o que se faz na África, atualmente. Muitos itans aparecem no livro, em iorubá e em português.

JÚLIO BRAGA. É um pesquisador acadêmico, mas também é um iniciado no culto aos orixás. Tem inúmeros escritos publicados, mas o seu livro *O Jogo de Búzios: um estudo da adivinhação no candomblé* é o mais importante para o assunto que eu venho mostrando até aqui. Ele narra inúmeros ritos e aborda as questões relativas à arte de ler o futuro, do ponto de vista do povo-de-santo, com muita propriedade. Demonstra um alto nível de investigação, exigindo leitura atenta e espírito de observação. Foi publicado pela Editora Brasiliense, no ano de 1988. Outro excelente livro dele é *Contos afro-brasileiros*, um primor de coletânea de histórias-exemplos. Há uma segunda edição, revista e ampliada, de 1989, publicada pela Fundação Cultural do Estado da Bahia.

J. VIALE MOUTINHO. É organizador de um livro, *Contos Populares de Angola: folclore quimbundo*. Creio que o melhor é copiar as próprias palavras do autor, quando diz, na apresentação do referido livro: “Este livro compreende contos populares angolanos do folclore quimbundo, os quais foram selecionados da mais vasta recolha até agora efetuada, a de Hélio Chatelin, que a publicou em edição bilíngüe (quimbundo-inglês), em 1984, nos Estados Unidos.” Fica, então, evidente que as histórias deram uma volta enorme para chegar ao Brasil. O autor dá um tratamento culto à linguagem, o que deixa perceber um certo tom de desencontro entre os personagens que vivem as histórias e suas falas. Mas o livro vale pelo resgate da memória e por possibilitar também o reconhecimento de certas sobrevivências da herança angolana no Brasil.

LAÚS E BONIK. A Editora Cátedra tem uma linha de publicação chamada *Coleção Cabala*. O volume 11 é *Ebós de Odu*, desses dois autores. Eles mesmos declaram: “Este livro tem como principal objetivo esclarecer o público a respeito de

um assunto tratado com a maior seriedade. O tema desenvolvido com clareza é sobre Odu.” Na verdade, o objetivo é muito pretensioso, tendo em vista o que eles escreveram. É um livrinho simples, de fácil leitura. Não tem lá essas profundidades, mesmo porque os autores se prendem muito a uma linha de receituário. Mas vale a pena tomar contato com algumas informações que eles fornecem.

MARIA APARECIDA SANTILLI. Seu livro, *Estórias Africanas*, na verdade, é uma antologia. Reúne narrativas de Angola, Cabo Verde e Moçambique escritas por africanos que labutam e crêem nos movimentos de libertação. As estórias podem revelar aspectos identificadores entre a nossa cultura e as culturas que geraram os textos que ela selecionou. É uma publicação da Editora Ática, do ano de 1985. Quando você ler este livro, certamente vai enxergar que nós temos muito mais do africano do que realmente imaginamos.

MESTRE DIDI. É o nome de Deoscóredes Maximiliano dos Santos, autor de vários escritos. Também é artista de renome internacional, escultor de insígnias sacras com temas nagô. Tem obras publicadas no Brasil e no exterior. Foi um dos primeiros a passar para a escrita as histórias de nagô conservadas na Bahia. Seus livros são de fácil leitura e merecedores de toda atenção. Sem Mestre Didi, a Bahia teria perdido a memória de muitas histórias. Tem publicado: *Contos Negros da Bahia*, de 1961, e *Contos de Nagô*, de 1963, ambos pelas Edições GRD; *Contos de Mestre Didi*, de 1981, pela Editora Codecri e *Contos Crioulos da Bahia*, de 1976, pela Editora Vozes, com prefácio de Muniz Sodré e introdução de Juana Elbein. Ler seus contos é tomar conhecimento do quanto o brasileiro, principalmente o baiano, herdou do povo nagô.

MICHAEL DEMOLA ADESOJI. Professor, comerciante e escritor nigeriano. Estudou no Brasil e já tem vários livros publicados. O seu trabalho é desligado dos costumes acadêmicos, mas nem por isso deixa de ser muito interessante. Em 1991, publicou, pela Editora Cátedra, um volume intitulado *Ifá: a Testemunha do Destino e o antigo oráculo da terra yorubá*. Apresenta uma listagem com os nomes e desenhos configurativos dos 256 odus de Ifá.

PIERRE VERGER. Fotógrafo francês que decidiu viver na Bahia e dedicou toda a sua vida ao estudo da cultura afro-baiana. Andou pelo mundo e viveu na África, durante algum tempo, pesquisando a cultura iorubá. Tem muitos livros importantíssimos publicados no Brasil e no exterior. Iniciado no culto de Ifá, na África, era babalaô, com o nome de Fatumbi. A respeito dos itans, publicou *Lendas Africanas dos Orixás*. Um belo livro, com ilustrações de Carybé. A Editora Currupio já publicou uma segunda edição deste maravilhoso livro em 1987. São vinte e quatro itans, narrados com uma fidelidade maior. É claro que Verger tinha alma nagô e, por isso mesmo, ele acrescentou mais um itan. Não deixe de ler: vale a pena.

REGINALDO PRANDI. Sociólogo, professor e pesquisador. É também um iniciado do candomblé, com alto posto na hierarquia de terreiro. Tem vários livros e artigos publicados. Em *Herdeiras do Axé*, de 1996, dedica um capítulo inteiro ao oráculo afro-brasileiro. Foi editado pela Hucitec. Agora, acaba de sair sua mais nova publicação, *Mitologia dos Orixás*. É o livro de maior fôlego que já se publicou no Brasil sobre tal assunto. Ele conseguiu a proeza de arrebanhar o fantástico número de 301 itans de Ifá. Além dos itans, há uma espécie de introdução, em que o autor dá conta, de forma primorosa, do que existe de melhor, no mundo acadêmico, sobre o assunto.

Seus trabalhos levam o zelo, o cuidado e o rigor da pesquisa acadêmica. Exigem, por isso mesmo, leitura mais cuidadosa.

RUY PÓVOAS. Apesar de saber que *quem gaba o toco é a coruja*, eu seria um falso se não lhe dissesse que também já escrevi outros textos sobre o assunto. Existem vários artigos meus publicados em vários números do *Jornal Tàkàdá*, informativo da comunidade religiosa Ilê Axé Ijexá, Itabuna, Bahia; na *Revista Kàwé* e na *Especiaria-Revista da UESC*, ambas as publicações pela Editus — Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA. Uma outra publicação minha é *A Linguagem do Candomblé: níveis sociolingüísticos da integração afro-portuguesa*, pela José Olympio, de 1989, onde trato de problemas relativos às variantes lingüísticas utilizadas pelos falantes das comunidades de terreiros. Em 1996, publiquei *Itan dos Mais-Velhos*, pela Editora BDA, Salvador, Bahia. Esse livro foi distinguido com o Prêmio Xavier Marques da Academia de Letras da Bahia. Mas abordo o tema sob um prisma literário. Afinal, também sou contista. Mas prefiro que você mesmo forme seu juízo a respeito do livro. Leia, você vai gostar. Principalmente, vai dar gostosas risadas.

SUKIRU SALAMI. Nascido na Nigéria e residente no Brasil, por mais de vinte anos. É pós-graduado em Ciências Sociais e professor de Cultura Iorubá. Tem uma publicação em dois volumes, *A Mitologia dos Orixás Africanos*. É uma obra dedicada ao relato de rezas, saudações, evocações e cantigas usadas na África e traduzidas para o português. Vale a pena ler, até mesmo para se comparar com textos de igual conteúdo, conservados no Brasil. Um verdadeiro achado para quem deseja textos em iorubá, sem sair do Brasil.

WILLIAM BASCOM. Eu disse que não ia me referir aos estrangeiros, mas este vale a pena. Se algum dia você tiver acesso a suas obras, não deixe de ler. Pena que não estão traduzidas. A primeira delas, *Ifá Divination: Communication between Gods and Men in West Africa*, continua sendo incomparável. Inteiramente dedicada a Ifá, traz um número considerável de itans, comentados e traduzidos para o inglês. É uma publicação da Indiana University Press, Bloomington e Londres. Em 1995, esse livro já estava na nona edição.

ZECA LIGIÉRO. A Editora Record publica uma *Coleção Iniciação*. Entre os volumes já publicados, *A Iniciação ao Candomblé* é de autoria de Zeca. Obra sintética que possibilita, de imediato, uma primeira compreensão do que seja candomblé. A parte III é dedicada ao Ifá. Leitura para uma primeira tomada de informação, rápida e resumida. Serve muito bem àqueles que ainda não têm informação alguma sobre o assunto.

Consegui me lembrar de dezesseis nomes. Mas espere aí... Gente, dezesseis é um número importante para o nagô. Ah, meu Deus! Os odus de Ifá... Mas você se lembra? Sempre tem mais um. E para não perder o costume, vamos a ele:

CARYBÉ. Não; não é um livro qualquer. É um livro enorme no tamanho e na qualidade artística. Mede 42cm de comprimento por 32 de largura. E além disso, é pesado. Chama-se *Iconografia dos Deuses Africanos no Candomblé da Bahia*. Tem apresentação de Antônio Carlos Magalhães (que era Governador da Bahia), apresentação de Jorge Amado e textos antropológicos de Pierre Verger e Waladoir Rego. Na sua essência, o livro é uma galeria de arte. Expõe, com exclusividade, 128 aquarelas de Carybé, todas voltadas para o universo do candomblé da Bahia. É uma publicação da Fundação Cultural do Estado

da Bahia, juntamente com o Instituto Nacional do Livro e com a Universidade Federal da Bahia. É um livro caro e raro. Por isso mesmo, quando você for a uma boa biblioteca, não deixe de ver, olhar e ler esta maravilha. Garanto: você vai ficar de boca aberta.

Agora, vamos parar por aqui. Se comecei com agradecimentos, termino por agradecer. Também agradeço a VOCÊ que achou por bem ler este livro. Obrigado, mesmo! Depois, a gente se fala. Um abraço nagô. Axé!

Ti-ti-ti, minha galinha branca,  
ti-ti-ti, minha galinha pedrês...

Meu avô manda dizer:

“Agora, volte ao início  
e releia os vinte e seis.”

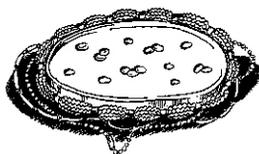
E não esqueça:

*tem mais um.*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> P.S.: Se você souber de algum itan, não deixe de me avisar. Poderá entrar em contato comigo, através de [ajalah@uol.com.br](mailto:ajalah@uol.com.br) ou [ajalah@uesc.br](mailto:ajalah@uesc.br). Ou ainda, escrevendo para Rua São Vicente de Paula, 257/904, 45.600-000 - Itabuna, BA. Eu ficarei agradecido. O telefone do Kâwé é 0XX(73)680-5157.





Você abre, na grandeza do narrar, a possibilidade de que muitas das histórias que circulam na intimidade de uma *casa-de-santo*, histórias que revelam princípios filosóficos, éticos e estéticos, possam adentrar na intimidade da casa do outro, sinalizando outras formas de conviver, de pensar o mundo. *A Fala do Santo* é a multiplicidade das vozes dos orixás, ecos da senzala, da mistura étnico-cultural que convida o homem e a mulher brasileiros a compartilhar um espaço de reconhecimento das nossas marcas.

C. O. e M. S.